

SABRINA LAFUENTE GIMENEZ

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DICIONÁRIOS BILÍNGÜES
ESPAÑHOL – PORTUGUÊS.**

Florianópolis 2005

SABRINA LAFUENTE GIMENEZ

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DICIONÁRIOS BILÍNGÜES
ESPANHOL – PORTUGUÊS.**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução; área de concentração: Linguística Aplicada; linha de pesquisa: Lexicografia e o ensino de línguas.

Orientador: Prof. Dr. Philippe Humblé

Florianópolis 2005

À minha mãe, Maria, luz no meu
caminho, pelo incentivo e por tudo o
que passamos juntas...

AGRADECIMENTOS

Quando penso em agradecer, depois da longa tarefa de escrever uma dissertação, relembro o curso desde seu início e as pessoas que estiveram comigo, de uma forma ou de outra desde então. Infelizmente é impossível mencionar todas, mas apenas algumas, embora me sinta lisonjeada em ter tanta gente querida ao meu lado. Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, meus irmãos Tiago e Rodrigo, porque sem a ajuda deles provavelmente eu não teria tido condições de chegar até aqui. Também ao meu pai, Carlos e em especial àquela que foi (e é) minha inspiração e meu exemplo, minha mãe Maria, pelo apoio, incentivo, confiança e sacrifícios.

Impossível não agradecer também a todos os amigos que mesmo de longe estiveram tão perto... como por exemplo a Elis, irmã de coração, alegria e consolo de tantas horas, a Ju Capsa, a Cris e a Lucieli pelo apoio e conforto, a Karine e a Juli pelos “empréstimos” e pelo ombro amigo, a Char pela atenção e carinho e à Norma, e a Sabrina Sachet que no final da jornada me deram força para continuar. Ao querido Pablo, que me ajudou a entender (não só) o espanhol um pouco melhor. E ao “Mr. Wayne”, que não por acaso me trouxe alívio e certeza quando eu mais precisava. Enfim, agradeço a todos aqueles que estiveram comigo e que não poderei citar aqui mas que estão (e sabem que estão) em meu coração.

Cabe ainda agradecer ao Prof. Dr. Philippe Humblé, meu orientador, pela paciência e encorajamento, aos professores Herbert Andreas Welker e Rafael Carmolingo por aceitarem compor a banca examinadora e à Secretaria da Pós Graduação em Estudos da Tradução.

El diccionario no contiene lo que es posible decir, sino solamente aquello que hace posible comprender algo dicho. El diccionario es así una memoria de la sociedad.

Luiz Fernando Lara

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar quatro dicionários bilíngües espanhol-português, com o intuito de verificar qual é o mais adequado às atividades de produção (fala e escrita) e compreensão (leitura e escuta) do espanhol. Para tanto, foram feitos quatro tipos de análise: da estrutura e organização das obras, da macro e microestrutura, da distinção de lemas sinônimos e da presença de regionalismos (especificamente, os *argentinismos*). Os resultados indicam que todas as obras são adequadas para a compreensão e que há deficiências quando se trata da produção.

Palavras-chave: dicionário bilíngüe, produção na língua estrangeira, compreensão da língua estrangeira.

ABSTRACT

This research aims to analyze four bilingual dictionaries; Spanish-Portuguese, in order to verify which one is more adequate for encoding (spoken and written) and decoding (reading and listening) activities of the second language (Spanish). Therefore, four different kinds of analyses were done, based on structure and organization of the works, micro and macro structure, distinction of lemmas synonyms and the presence of regionalism (Argentinism). The results show that all the works are adequate for decoding. However, some have deficiencies with respect to the aspect of encoding.

Key-words: bilingual dictionary, encoding of a foreign language, decoding of a foreign language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
INTRODUÇÃO	11
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
1.1 PRODUÇÃO E COMPREENSÃO	14
1.1.1 Compreensão	14
1.1.2 Produção	15
1.2 MACRO E MICROESTRUTURA	17
1.2.1 Macroestrutura	17
1.2.1.1 O tamanho da macroestrutura	18
1.2.1.2 O lema	19
1.2.1.3 Palavras freqüentes	19
1.2.2 Microestrutura	20
1.2.2.1 A cabeça do verbete	21
1.2.2.2 Ordem das acepções	22
1.2.2.3 Marcas de uso	23
1.2.2.4 Exemplos	27
1.2.2.5 Expressões fixas ou idiomáticas	31
1.2.2.6 Colocações:	31
1.2.2.7 Remissões	32
1.2.2.8 Equivalentes	33
2 ANÁLISE DOS DICIONÁRIOS	36
2.1 ANÁLISE DA ESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS	37
2.1.1 Ática	37
2.1.2 Dicionário Básico Larousse	39
2.1.3 Michaelis	40
2.1.4 Saraiva	42
2.1.5 Abreviaturas e Marcas de uso	43
2.2 ANÁLISE DA MACRO E MICROESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS	47
2.2.1 Espanhol / português	49
2.2.1.1 Caer	49
2.2.1.1.1 Ática	50
2.2.1.1.2 Larousse	51
2.2.1.1.3 Michaelis	52
2.2.1.1.4 Saraiva	53
2.2.1.2 Escritorio	53
2.2.1.2.1 Ática	54
2.2.1.2.2 Larousse	55
2.2.1.2.3 Michaelis	55
2.2.1.2.4 Saraiva	56
2.2.1.3 Hermoso	56
2.2.1.3.1 Ática	57
2.2.1.3.2 Larousse e Michaelis	57
2.2.1.3.3 Saraiva	57
2.2.1.4 Hacia	58
2.2.1.4.1 Ática	58

2.2.1.4.2	Larousse	58
2.2.1.4.3	Michaelis	59
2.2.1.4.4	Saraiva	59
2.2.1.5	Pie	59
2.2.1.5.1	Ática	61
2.2.1.5.2	Larousse	61
2.2.1.5.3	Michaelis	62
2.2.1.5.4	Saraiva	63
2.2.2	Português / espanhol	63
2.2.2.1	Acontecer	63
2.2.2.1.1	Ática	64
2.2.2.1.2	Larousse	64
2.2.2.1.3	Michaelis	64
2.2.2.1.4	Saraiva	64
2.2.2.2	Acordar	65
2.2.2.2.1	Ática	65
2.2.2.2.2	Larousse	65
2.2.2.2.3	Michaelis	66
2.2.2.2.4	Saraiva	67
2.2.2.3	Continuar	67
2.2.2.3.1	Ática	68
2.2.2.3.2	Larousse	68
2.2.2.3.3	Michaelis / Saraiva	68
2.2.2.4	Gente	69
2.2.2.4.1	Ática	69
2.2.2.4.2	Larousse	69
2.2.2.4.3	Michaelis / Saraiva	70
2.2.2.5	Marcar	70
2.2.2.5.1	Ática	70
2.2.2.5.2	Larousse	71
2.2.2.5.3	Michaelis	71
2.2.2.5.4	Saraiva	72
2.3	DISTINÇÃO DE LEXEMAS SEMANTACAMENTE PRÓXIMOS	76
2.3.1	Ática	77
2.3.2	Larousse	78
2.3.3	Michaelis	79
2.3.4	Saraiva	79
2.4	ARGENTINISMOS	82
2.4.1	Afanar	83
2.4.2	China	84
2.4.3	Durazno	86
2.4.4	Ratear	87
2.4.5	Tirar	89
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	BIBLIOGRAFIA	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características da apresentação das abreviaturas nas obras consultadas	44
Quadro 2- Exemplos dos tipos de marcas de uso e abreviaturas apresentadas pelos dicionários.	46
Quadro 3 – características da microestrutura espanhol-português I.....	72
Quadro 4 – características da microestrutura espanhol-português II.....	72
Quadro 5 – características da microestrutura português-espanhol I.....	75
Quadro 6 – Características da microestrutura português-espanhol II.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Presença do verbete <i>caer</i> nas obras analisadas.....	50
Tabela 2 – Presença do verbete <i>escritorio</i> nas obras analisadas.....	54
Tabela 3 – Presença do verbete <i>hermoso</i> nas obras analisadas.	56
Tabela 4 – Presença do verbete <i>hacia</i> nas obras analisadas.	58
Tabela 5 – Presença do verbete <i>pie</i> nas obras analisadas.....	60
Tabela 7 – Presença do verbete <i>acordar</i> nas obras analisadas.	65
Tabela 8 – Presença do verbete <i>continuar</i> nas obras analisadas.....	67
Tabela 9 – Presença do verbete <i>gente</i> nas obras analisadas.	69
Tabela 10 – Presença do verbete <i>marcar</i> nas obras analisadas.	70
Tabela 11 – Presença dos verbetes <i>poder, conseguir e lograr</i> no <i>Ática</i>	77
Tabela 12 – Presença dos verbetes <i>poder, consegui e lograr</i> no Larousse.	78
Tabela 13 – Presença dos verbetes <i>poder, consegui e lograr</i> no Michaelis.	79
Tabela 14 – Presença dos verbetes <i>poder, conseguir e lograr</i> no Saraiva.	79
Tabela 15 – Presença do verbete <i>afanar</i> no <i>Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas</i> nas obras analisadas.	83
Tabela 16 – Presença do verbete <i>china</i> no <i>Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas</i> nas obras analisadas.	85
Tabela 17 – Presença do verbete <i>durazno</i> no <i>Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas</i> nas obras analisadas.	86
Tabela 18 – Presença do verbete <i>ratear</i> no <i>Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas</i> nas obras analisadas.	87
Tabela 19 – Presença do verbete <i>tirar</i> no <i>Diccionario de Voces y Expresiones Argentina</i> e nas obras analisadas.	90

INTRODUÇÃO

O hábito de se tomar dicionários como uma fonte de verdades e certezas existe há muito tempo, provavelmente desde que eles começaram a existir na Ásia por volta de 3.000 antes de Cristo. Talvez também por isso, discorrer acerca de dicionários, e ainda bilíngües, acaba sendo uma tarefa no mínimo laboriosa, embora gratificante. Isso porque hoje em dia podemos quebrar barreiras como a da soberania lexicográfica, e ir em busca de melhorias, mesmo de algo que parece intocável.

Assim, tendo consciência da realidade contraditória de que os dicionários são muito usados, mas relativamente pouco estudados, o presente estudo se propõe a analisar quatro obras lexicográficas bilíngües espanhol-português, freqüentemente usadas por alunos brasileiros. A saber: Minidicionário Ática, Dicionário Básico Larousse, Dicionário Escolar Michaelis e Minidicionário Saraiva.

Sendo considerado o dicionário uma obra descritiva indispensável e complementar para a aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, e tendo consciência da escassez de informação e dos poucos estudos sobre a qualidade dos dicionários bilíngües português-espanhol, parece imprescindível repensar propostas que auxiliem os professores na tarefa de escolher o dicionário mais adequado para seus alunos. Percebe-se também uma preocupação por parte dos professores de espanhol em relação à qualidade dos dicionários existentes no mercado, uma vez que eles não dão conta de tratar os vocábulos em todos os seus contextos de uso, e muitas vezes apresentam uma estrutura de difícil acesso, imprópria para a produção de língua estrangeira.

Dessa maneira, a presente proposta de estudo busca verificar nos dicionários como se dá a macro e microestrutura das obras escolhidas, em que medida as quatro

obras realmente estão adequadas às necessidades dos usuários brasileiros nos processos de compreensão e produção de língua estrangeira. E, por fim, se haveria algum que estaria especificamente mais voltado para apenas uma das necessidades.

Para tanto, foram feitas análises comparativas dos quatro dicionários mencionados anteriormente. Todos são bilíngües espanhol-português, sendo passíveis de comparação, tendo em vista que visam ao mesmo público-alvo (estudantes iniciantes) e que têm um número comparável de verbetes. A escolha dessas obras se justifica por serem alguns dos dicionários freqüentemente utilizados pelos estudantes por serem menores (“mais práticos”) e terem um custo acessível.

O trabalho foi dividido em duas partes: Revisão Bibliográfica e Análise dos Dicionários. A segunda parte foi subdividida em quatro seções para facilitar a compreensão das análises, as quais acompanham os respectivos “trechos” (verbetes) de cada dicionário.

A primeira seção, *Análise da estrutura dos dicionários*, apresenta uma visão geral das obras quanto à estrutura, organização, número de verbetes, público-alvo, características geralmente apresentadas na *Introdução* das obras lexicográficas. A segunda, *Análise da macro e microestrutura*, pretende observar aspectos de organização - macroestrutura, microestrutura - exemplificando tais características a partir da análise comparativa de cinco verbetes em cada entrada (espanhol e português).

Na terceira divisão *Distinção de lexemas semanticamente próximos*, observa-se como as obras tratam vocábulos que possuem um sentido parecido, e assim poderiam causar dúvida acerca do seu uso pelos usuários, pois as obras lexicográficas deveriam especificar quando e como usar verbetes que possuem significação similar. Na última seção, *Argentinismos*, examinam-se cinco palavras cujo uso se limita ao espanhol argentino. Fazemos uma análise comparativa entre os verbetes de um dicionário

argentino de expressões e os dicionários bilíngües a fim de verificar o tratamento dado aos regionalismos (“argentinismos”) nas obras.

Por último, estão as considerações finais, nas quais se apresentam as principais características de cada dicionário e também os resultados a que se chegou a partir das análises das obras mencionadas.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Na Revisão Bibliográfica são discutidos conceitos que guiam esta pesquisa, como os de *produção* e *compreensão*, os de *macro* e *microestrutura* e seus componentes, incluindo, o conceito e a importância dos exemplos.

Autores como Béjoint (1981), Hartmann (2001), Rundell (1999), Sinclair (1991), Della Summers (1996) são discutidos e fundamentam a pesquisa. Em especial, cita-se Welker (2004). Os subcapítulos *O lema*, *Palavras freqüentes*, *A cabeça do verbete* e *Remissões* são baseados no autor.

1.1 PRODUÇÃO E COMPREENSÃO

Segundo Dubois e Dubois (1971:16) citados em Béjoint (1981), existem duas possibilidades para um dicionário: pode ser um retrato do vocabulário – cultura de uma determinada língua – ou pode ser uma ferramenta para uma comunicação mais eficaz. Dessas duas funções, uma sempre é predominante. Conforme Béjoint, existem ainda dois modos de utilização do dicionário: a *produção* (fala e escrita) e a *compreensão* (atividades de leitura e escuta). Esses dois modos, que norteiam a presente pesquisa, serão detalhados neste capítulo.

1.1.1 Compreensão

A tarefa de um dicionário no processo de compreensão (comumente de um texto escrito) é relativamente simples, uma vez que o contexto está presente e influencia nas escolhas do consulente, ao contrário da produção.

Segundo Béjoint (1981), quanto à compreensão, os aprendizes terão dificuldades especiais com as palavras mais raras, enciclopédicas, culturais, gírias, nomes próprios, expressões idiomáticas e abreviações, pois lexemas mais correntes poderiam ser inferidos a partir do contexto, que já está pronto. Em relação aos verbos, informações sobre formas gramaticais irregulares também seriam importantes, uma vez que poderiam ajudar o usuário a identificar o verbete de várias formas.

O melhor dicionário para as atividades de leitura e escuta é aquele que apresenta um grande número de entradas, e o tipo mais importante de informação que deve estar presente é o sentido denotativo. Em menor extensão, indicações do sentido conotativo, variedades da linguagem, além de informações sobre inflexões gramaticais irregulares de tempo e número também podem ser úteis. Além disso, um bom dicionário de compreensão requer a inclusão de palavras pouco freqüentes, pois é provável que o usuário procure mais palavras raras do que comuns.

Ademais, há a possibilidade de os usuários, principalmente aqueles iniciantes, apresentarem dificuldades por não dominarem todos os aspectos morfológicos da língua estrangeira. Nesse caso seria necessária a inclusão de termos flexionados, pois nem todos os estudantes sabem que *quepo* vem de *caber* e *anduve*, de *andar*, por exemplo.

1.1.2 Produção

Segundo Rundell (1999), a produção em Língua Estrangeira (LE) depende de uma habilidade considerável para fazer escolhas lexicais apropriadas e combiná-las com o texto de forma que não violem as normas sintáticas e colocacionais. Este processo, é claro, é mais sofisticado e menos mecânico que a compreensão. As características necessárias para a produção, ainda segundo este autor, são:

- Conhecimento sintático;

- Preferências colocacionais e restrições seletivas de seleção;
- Aspectos sociolingüísticos (incluindo registro e variedade regional);
- Aspectos semânticos;
- Efeitos contextuais.¹(trad. minha)

Conforme Béjoint (1981), para as atividades de produção, as palavras estruturais e mais comuns são de grande importância, isso porque são palavras cujo “uso apropriado” nem sempre é óbvio para o estudante de LE.

Como já mencionado, a produção em LE é muito mais complexa do que a compreensão, uma vez que o contexto está sendo construído pelo aprendiz. Dessa maneira, em razão de o contexto não auxiliar na escolha das palavras, o desenvolvimento da microestrutura é fundamental. O melhor dicionário para a produção é aquele que fornece a mais detalhada indicação em termos de sintaxe e colocação incluindo, recomendações para evitar enganos.

A colocação (Sinclair 1991), por exemplo, é um dos grandes problemas da produção em LE, pois as palavras não estão soltas, elas têm uma ligação entre si, e é essa ligação que é tão difícil de conhecer na LE. Por isso seria importante que o dicionário que visa à produção fornecesse colocações com suas traduções e explicações.

A obra mais adequada para essa atividade é aquela possuidora de um número maior e mais detalhado de informações, pois a produção necessita de explicações sobre a fala (pronúncia), assim como separação de sílabas e ortografia, se for o caso da escrita, por exemplo. Sabe-se também da necessidade de mais informação para a produção do que para a compreensão. Contudo, seria ideal se, em ambos os modos, o dicionário indicasse, para os itens tratados inflexões gramaticais, variedade lingüística, colocações usuais, propriedades sintáticas, sinônimos, entre outros, pois estudantes de

¹ 1. syntactic behaviour; 2. collocational preferences and selectional restrictions; 3. sociolinguistic features; (including register and regional variety), 4. semantic features; 5. contextual effects.

língua estrangeira precisam de informações suficientes para serem mais proficientes na língua.

No entanto, sabe-se que é muito difícil fornecer e organizar todas as informações que os estudantes precisam para produzir. Esse quadro se agrava quando se trata de dicionários bilíngües escolares, nos quais, por motivo de espaço, o conteúdo precisa ser resumido.

1.2 MACRO E MICROESTRUTURA

Da macroestrutura (Hartmann: 2001:64) fazem parte os lexemas (entradas) ordenados numa listagem, geralmente organizados por ordem alfabética, enquanto que a microestrutura seria a base estrutural do dicionário, no qual as entradas são detalhadas, explicadas, traduzidas, comentadas, etc. e subdivididas, quando necessário, em subitens.

Nesta seção abordaremos alguns itens que fazem parte de ambas as estruturas, a começar pela macroestrutura.

1.2.1 Macroestrutura

Hartmann (2001: 64) define *macroestrutura* como o conjunto de entradas que geralmente é organizado de forma alfabética nos dicionários, ou, como nos *thesaurus*, “seqüência sistemática de um sistema lógico”. Béjoint (2001) apresenta uma visão complementar a esta. Segundo o autor, o conceito de *macroestrutura* também pode ser usado para referir-se à maneira como as entradas são organizadas nos diferentes dicionários. Welker (2004: 80), da mesma opinião, caracteriza, *macroestrutura*, nessa acepção, como a organização do corpo do dicionário, a qual pode ser especificada mediante as seguintes perguntas:

- O arranjo das entradas é temático ou alfabético?
- Os verbetes têm todos o mesmo formato?
- Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes?
- Informações sintáticas e outras estão colocadas fora do bloco do verbete?

Em relação à primeira questão, o arranjo alfabético pode constituir-se de diversas maneiras. Resumidamente cita-se Wiegand (*apud* Welker 2004: 82) que faz as seguintes distinções:

- “ordem alfabética linear” – consiste em seguir estritamente a ordem alfabética.
- “ordem alfabética com agrupamentos” - a organização espacial vai apresentar uma quebra da linearidade, passando a trabalhar com blocos (ou parágrafos) que incluem um lema principal e um ou mais sublemas. O motivo é a economia de espaço. O primeiro lema é escrito por inteiro, ao passo que, nos lemas seguintes, a parte que é comum a todos. Pode acontecer que, por causa da ordem alfabética, sejam colocadas num mesmo bloco palavras que não têm nenhuma ligação semântica entre si.
- “ordenação não estritamente alfabética com agrupamentos” - significa que, dentro de um bloco, colocam-se, em ordem alfabética, lexemas relacionados com o tema principal, embora, na ordem alfabética linear, eles devessem aparecer depois do lema principal seguinte.

Geralmente, nos bilingües escolares, é a ordem linear que prevalece, assim como nas obras analisadas no capítulo número dois desse trabalho.

1.2.1.1 O tamanho da macroestrutura

O fator determinante para o tamanho da nomenclatura é, obviamente, a escolha por parte da editora do tipo de dicionário que se pretende compilar. Neste trabalho se tomará como base para a escolha dos dicionários a diferenciação feita por Bidermann (*apud* Welker 2004: 83):

- dicionário infantil e/ou básico: cerca de 5. 000 verbetes;
- dicionário escolar e/ou médio: 10. 000 – 12. 000, ou até 30. 000;
- dicionário padrão: cerca de 50. 000;
- “thesaurus”: 100. 000, 200. 000 a 500. 000.

1.2.1.2 O lema

Usa-se *lema*, *entrada* ou *palavra-entrada* para os lexemas escolhidos que serão tratados nos dicionários. Apesar de ser uma forma criticada, geralmente toma-se como lema a forma *básica* ou *canônica* da palavra: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos. Via de regra, *lematizar* significa encontrar uma forma canônica dos lexemas e usá-la como entrada do verbete.

Entretanto, para auxiliar os consulentes cuja língua materna não é a do dicionário, seria importante que este também apresentasse como lema formas flexionadas (como as formas irregulares dos verbos

1.2.1.3 Palavras freqüentes

É questionável se as palavras mais freqüentes realmente devem constar numa obra lexicográfica, tendo em vista que provavelmente serão consultadas raras vezes. Entretanto, os lexemas mais freqüentes são os mais polissêmicos e os diversos significados devem ser apresentados. Dessa forma, é notável que uma das grandes dificuldades dos lexicógrafos seja a escolha dos lexemas a serem lematizados. Em muitos dicionários, o critério principal é a freqüência (quanto mais reduzida a nomenclatura prevista, maior terá que ser a freqüência para que uma palavra seja registrada).

Mesmo que a freqüência seja o principal critério de seleção em *corpora*, o lexicógrafo ainda tem que decidir sobre a inclusão (ou não) de alguns lemas como, por exemplo, nomes próprios e marcas registradas, siglas e abreviaturas, afixos, formas flexionadas, palavras chulas, lexemas depreciativos, estrangeirismos e gírias. Além disso, o lexicógrafo precisa tomar algumas decisões acerca das reais possibilidades dos lexemas a serem lematizados, pois ainda que o compilador admita registrar tais signos, terá que

decidir por lematizar todos na ordem decrescente do número de ocorrências ou incluir outras palavras menos frequentes.

1.2.2 Microestrutura

Para a microestrutura, permitir-se-á (além do que já foi mencionado), a definição de Rey-Debove (*apud* Welker 2004: 107): “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Portanto, o verbete é o conjunto da entrada mais enunciado lexicográfico, conforme Barbosa *apud* Welker 2004: 107). A microestrutura deve ser organizada de forma padronizada em todos os verbetes.

No entanto, Wiegand (1989: 424, *apud* Welker 2004: 108) acha que, conforme os diversos tipos de lemas pode haver diversas formas de organização da microestrutura. Rey-Debove distingue entre microestrutura concreta e abstrata. A microestrutura abstrata é uma espécie de “esqueleto” que é feito antes de se confeccionar o dicionário, e que em seguida será preenchida com os dados concretos. A microestrutura concreta seria então, a forma que se vê nos verbetes, na qual as informações são expostas.

Quanto aos tipos de informações que os verbetes contêm, cita-se a diferenciação de Hausmann & Wiegand (*apud* Welker 2004: 108):

- informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- informação que identifica o lema na diacronia (etimologia);
- marcas de uso;
- informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- informação sintagmática (construção, colocações, exemplos);
- informação paradigmática (sinônimos, antônimos, etc.);
- vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas);
- observações (por exemplo, sobre o uso do lema);
- ilustrações (desenhos gráficos);
- elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos);
- remissões;
- símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições).

Estabelecendo um padrão lexicográfico, pode-se em princípio elaborar qualquer tipo de microestrutura. Hausmann & Werner (*apud* Welker 2004: 109) dividem as microestruturas básicas que os dicionários podem conter:

- “integrada” - as respectivas informações sintagmáticas (colocações, etc.) são apresentadas em cada acepção.
- “não integrada” – as informações sintagmáticas são separadas das diversas acepções, aparecendo no final do verbete, às vezes num bloco à parte.
- “semi-integrada” - tem a mesma organização da não integrada, mas os sintagmas que estão no final recebem números que se referem à acepção à qual pertencem, permitindo assim uma melhor identificação.
- “parcialmente integrada” - é como a “integrada”, mas alguns sintagmas são colocados no final, num parágrafo ou bloco à parte, porque não está claro à que acepção pertencem.

Os sublemas podem, ou devem, ser tratados da mesma forma que os próprios lemas, dando as mesmas informações.

1.2.2.1 A cabeça do verbete

Embora quase não utilizado no Brasil, esse conceito refere-se ao lema e às informações anteriores à definição (ou equivalentes, neste caso de dicionários bilíngües) como variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, etimologia, marcas de uso e informações flexionais sintáticas (cf. Welker 2004: 110ss).

O mais comum é dividir o verbete simplesmente em lema e as informações sobre ele. Contudo o conceito de “cabeça do verbete” auxilia no caso dos lexemas polissêmicos (que são a grande maioria), pois permite diferenciar as informações que valem para todas as acepções daquelas que valem apenas para uma determinada acepção. A classe gramatical é geralmente a informação mais utilizada, porém costumam ser dadas outras informações gramaticais em geral, sobre formas não previsíveis, segundo o idioma. Aliás, o ideal seria que todas as formas fossem também lematizadas.

1.2.2.2 Ordem das acepções²

Visto a enorme diferença existente na separação das acepções em diversos dicionários, é difícil encontrar uma regra válida para todas as situações. Quanto à ordenação, menciona-se Casares (1950) o qual distingue dois métodos: o empírico e o histórico. No método empírico “parte-se do mais conhecido, do mais atual dentro da língua, ou seja, o uso ‘vulgar e corrente’ para terminar em falas particulares e significados específicos”³. Esse é aplicado aos dicionários preocupados “com a imensa maioria dos leitores a quem pouco importa a origem e a evolução sintática do vocabulário, pois o significado atual é o único que desejam conhecer” (p. 68-69) (trad. minha).

No segundo método, o histórico, além de verificar o significado da palavra, o usuário pode encontrar também: o como, o quando e o porquê da palavra. Neste aparece primeiro a etimologia, depois a acepção mais próxima da origem, deixando por último a atual ou mais corrente, quando essa é a que se procura mais. Tal maneira de organização histórica parece ser a mais completa. Contudo geralmente contribui mais para dificultar do que para facilitar a tarefa do usuário.

Por outro lado, o dicionário compilado pelo método empírico satisfaz as necessidades da grande maioria dos usuários, pois ele se limita a informar o que o leitor provavelmente procurará e apresenta as informações diretamente. Um dos inconvenientes desse tipo de dicionário consiste na ausência de uma *estadística de uso* que permita determinar entre os vários significados qual seria verdadeiramente o mais usual. Essa ordenação não deixa de ser arbitrária na maioria das vezes, e o que hoje pode ser usual

² Esta seção fundamenta-se em Casares (1950), Schmitz (2001), e Binon e Verlinde (2000).

³ [. . .] en él se parte de lo más conocido, de lo más actual dentro de la lengua común, es decir, del “uso vulgar y corriente” para acabar en las hablas particulares y en los significados específicos.

talvez amanhã não o seja, já que alguns sentidos podem mudar de acordo com períodos históricos, econômicos, culturais, etc.

Então, para que se possa alcançar boa qualidade nos dicionários, é preciso publicar edições freqüentes, reelaboradas de acordo com o uso, reorganizando as acepções de cada verbete de acordo com a freqüência de uso a cada nova edição. No entanto, isto é uma quase utopia, é claro, haja vista as muitas barreiras impostas aos compiladores no que se refere a restrições editoriais de espaço e tempo, ademais dos processos de transição, desde o emprego ocasional (inovação inconsciente que muda o sentido e uso da palavra) até a compreensão e aceitação desta mudança por parte da comunidade falante.

Com base na discussão sobre a ordenação das acepções, parece não existir uma solução única, e sim várias possibilidades, mesmo assim, parece que seria sensato se a freqüência fosse o critério de seleção, porque provavelmente a busca do usuário pela acepção mais adequada seria facilitada, já que a probabilidade dele encontrar a acepção desejada entre as primeiras é maior.

1.2.2.3 Marcas de uso⁴

As marcas de uso, geralmente incluídas nas abreviaturas nos dicionários, fazem parte de uma importante forma de organização das acepções e são um instrumento indispensável para o lexicógrafo, pois registram as observações a respeito do uso da palavra. Sua presença é constante em todos os dicionários de língua consultados nesta pesquisa. Elas caracterizam as palavras que fogem, em certos aspectos, do uso comum da língua de uma comunidade lingüística. Assim, a definição dessa comunidade por parte da

⁴ Baseado em Strehler (2001) e Welker (2004).

equipe de compilação é importante, pois ela condiciona o emprego das marcas de uso que devem ser explicadas claramente nas introduções dos dicionários.

Temos ainda um grande número de palavras que não recebem marcas de uso pelo fato de que elas não são um exemplo de variação lingüística. Isso quer dizer que algumas palavras não soam estranhas ou não deixam dúvidas quando encontradas pelo interlocutor, independente do grau de instrução ou classe social (como “lápiz” ou “mesa”, por exemplo). Elas podem ainda ser empregadas unicamente para uma acepção entre várias de um verbete ou também serem acumuladas (dependendo do exemplo da difusão territorial de uma língua). Outras são atribuídas a marcas de uma ciência ou atividade de pesquisa e exercem influência na vida de uma determinada comunidade lingüística.

Segundo Strehler (2001), as marcas de uso são divididas em cinco grupos: uso temporal, espacial, social, de tecnoletos e de freqüência. As marcas de uso temporais indicam como uma palavra é percebida por um locutor contemporâneo com relação ao tempo, podendo ser classificada como “obsoleta, moderna ou neologismo”, entre outras. Contudo, decidir se uma palavra é moderna ou obsoleta é uma tarefa complicada, já que o uso varia de acordo com as comunidades lingüísticas e seria necessário uma busca em *corpus* para observar a evolução no uso do léxico.

As marcas de uso sociais são as que exigem maior atenção dos lexicógrafos e dos usuários, pois são mais instáveis por estarem fortemente ligadas às mudanças que ocorrem numa sociedade, constituindo assim certo subjetivismo. Além disso, os diferentes dicionários não dispõem das mesmas marcas de uso e as diferenças são inevitáveis. Os tecnoletos derivam de áreas de saber ou de atividades tradicionalmente delimitadas (como na informática, no direito, na medicina, etc.). As marcas de freqüência parecem ter relação com as marcas de uso temporal. Os compiladores podem caracterizar

um determinado verbete como *raro* ou *pouco freqüente*, indicando que tal palavra quase não é mais usada, mas que ainda não foi totalmente descartada.

Essa subdivisão, porém, não abrange todas as áreas que geralmente estão contidas nos dicionários, juntando áreas que deveriam estar separadas, como *Cone Sul e Linguagem Vulgar*, por exemplo, (Michaelis p. XV) que são classificadas como Sociais. No entanto parece haver alguma diferença entre o tipo de linguagem e que deve ser explicado, uma vez que uma marca poderia estar inserida em outra, como neste caso: “linguagem vulgar usada no Cone Sul”.

Constate-se, entretanto, que nem sempre é fácil saber quais as marcas de uso mais apropriadas para cada verbete. Análises de abreviações empregadas em diferentes dicionários (Strehler, 2001) demonstram que os monolíngües são mais ricos em informações do que os bilíngües.

No entanto, para uma análise como a que se propõe esta pesquisa sobre dicionários bilíngües, o emprego das marcas de uso constitui uma informação relevante a ser ressaltada, analisada e comparada, tendo em vista a sua importância para o entendimento do verbete.

Hausmann (*apud* Welker 2004:131) propõe outra divisão das marcas além da de Strehler:

- Diacrônicas (por exemplo, antiquado, envelhecido, neologismo)
- Diatópicas (aplicada a aceções restritas a certas regiões ou países)
- Diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos)
- Diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita)
- Diastráticas (por exemplo, chulo, familiar, coloquial, elevado)
- Diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal)
- Diatextuais (assinalam que o lexema – ou aceção – é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, poético, literário, jornalístico)
- Diatécnicas (informam que a aceção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto)
- Diafreqüentes (em geral raro, muito raro)
- Diaevalutivas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, pejorativo, eufemismo)
- Dianormativas (indicam que o uso de certa aceção – ou lexema – é errado pelas normas da língua padrão).

A delimitação é um grande problema em toda classificação, pois se torna complexo definir a partir de que momento um lexema deixou de ser um neologismo ou tecnoleto para se incorporar à linguagem coloquial como as palavras inglesas *delete* e *display*, que já fazem parte do nosso cotidiano. Pode-se citar ainda, para o mesmo caso, a diferença entre formal e informal, ou familiar e coloquial.

Nas marcas diatópicas, se torna imprescindível a diferenciação entre os regionalismos de um determinado local e os lexemas cujo uso é restrito a um dos vários países nos quais a mesma língua é falada. Nesse caso, a abrangência do dicionário vai definir os rótulos. É desejável também que os termos usados nas marcações sejam explicados na introdução das obras, pois o usuário pode ter dúvidas quanto à compreensão das marcas de uso.

1.2.2.4 Exemplos

Os exemplos num dicionário fornecem características de sentido, análise sintática e informação pragmática. Eles caracterizam o que aparece de uma forma abstrata num dicionário e servem também para indicar como uma palavra pode ser usada. Geralmente, os não-nativos tendem a tomar o exemplo como modelo a imitar.

Conforme Drysdale (*apud* Humblé 2001) as funções dos exemplos são:

1. Complementar a informação contida numa definição.
2. Mostrar a palavra num contexto (importante para a atividade de produção).
3. Distinguir um significado de outro.
4. Ilustrar padrões gramaticais.
5. Mostrar outras colocações típicas
6. Indicar registros apropriados ou estilísticos.⁵ (trad. minha)

Eles podem ser classificados de acordo com sua rigidez estrutural, ou seja, a possibilidade que o usuário tem de substituir as palavras de um determinado exemplo por outras. Hausmann (*apud* Humblé 2001) classifica os exemplos em três tipos: *associação livre*, quando eles são escolhidos com alguma base na realidade, mais interessantes para aprendizes interessados em produzir a língua; *expressões fixas*, que interessam aos usuários que se deparam com uma seqüência de palavras incompreensíveis se forem traduzidas uma a uma; e, por fim, a colocação, que é um dos grandes problemas da produção em língua estrangeira, pois é muito difícil para o estudante saber quais as palavras que estão associadas. Os dois últimos tipos serão melhor explicados nos itens *Expressões fixas ou idiomáticas e Colocações*.

⁵ 1. To supplement the information in a definition; 2. To show the entry word in context; 3. To distinguish one meaning from another; 4. To illustrate grammatical patterns; 5. To show other typical collocations; 6. To indicate appropriate registers or stylistic levels.

Piotrowski (apud Welker 2004: 150), afirma: “[...] não se sabe muito bem o que são exemplos [...]. É essa a opinião a que se pode chegar após analisar tanto o que os teóricos têm escrito quanto o que os dicionários incluem”. Na verdade, por mais que essa seja uma afirmação forte, é possível concordar com ela, quando se percebe que os lexicógrafos nem sempre separam as frases, colocações e expressões fixas nos verbetes. De acordo com vários autores, os exemplos podem ser definidos como enunciados e deveriam ser tipograficamente distinguidos dos outros elementos, o que facilitaria a sua identificação e entendimento.

Conforme Lara (1992:10), as funções do exemplo são múltiplas, pois ele:

- a) provê de contorno sintático o vocábulo em questão, oferecendo, seja explícita ou implicitamente, informação sobre suas possíveis colocações.
- b) reintroduz o vocábulo ao uso do qual foi abstraído, facilitando assim o retorno da reflexão à atividade verbal do seu leitor, e
- c) serve de veículo para a transmissão indireta de dados culturais e sociais.
⁶(trad. minha)

Segundo este autor, o usuário que consulta um vocábulo no dicionário para confirmar se seu uso é aceitável no contexto em que quer empregá-lo, encontra, ou não, no exemplo (de corpus ou inventado) a confirmação buscada, ou uma pauta, podendo modificar seu uso de maneira que se ajuste ao exemplificado. Cabe ainda ressaltar que essas considerações são referentes aos dicionários monolíngües, porém caberiam perfeitamente aos bilíngües.

Ainda sobre a diferença entre exemplos inventados e de corpus, pesquisadoras como Laufer e Melamed (1994) têm argumentado que exemplos inventados por lexicógrafos são mais úteis do que os tomados diretamente do *corpus*. Elas defendem que os exemplos inventados demonstram pontos lingüísticos que os

⁶ a) provee de contorno sintático al vocablo en cuestión, ofreciendo, ya sea explícita o implícitamente, información sobre sus colocaciones posibles; b) reintroduce el vocablo al uso del que fue abstraído, facilitando así el regreso de la mirada reflexiva a la actividad verbal de su lector y; c) sirve de vehículo para la transmisión indirecta de datos culturales y sociales.

lexicógrafos desejam expressar, amenizando eventuais dificuldades que podem ser encontradas num texto real. Em contrapartida, os resultados da pesquisa feita por Potter (1998) contestam esse ponto de vista e afirmam que os exemplos “originais” são os mais apropriados. Potter conclui que os exemplos mais adequados para os aprendizes são aqueles retirados cuidadosamente de um *corpus*, não somente por apresentar a linguagem como ela realmente é falada e escrita, mas por que os aprendizes podem confiar na validade das informações que os exemplos contêm.

Humblé (2001: 78) discorre acerca dos exemplos inventados:

De acordo com a equipe do *Cobuild*, os lexicógrafos tradicionais, sendo falantes nativos, inventam exemplos que são gramaticalmente aceitáveis, mas como sua intenção não é comunicar outra coisa além de alguma informação sobre o item lexical, essa informação é, estritamente falando, incorreta. Por isso, é possível que nesses exemplos inventados, as palavras carreguem alguma conotação falsa, que os parceiros colocacionais estejam errados e que a construção sintática seja correta, mas não usual. Em outras palavras, um exemplo inventado não é um modelo válido.

Ademais desta discussão acerca da aceitação ou refutação dos exemplos inventados, existe uma terceira tendência: exemplos baseados em ocorrências de um *corpus*, mas adaptados. Della Summers (1996) e Rundell (1999) acreditam que os lexicógrafos devem inspirar-se num *corpus*, verificando freqüências e colocações, mas não se atrelarem a ele.

Welker (2004: 156), da mesma opinião, argumenta:

Portanto, a meu ver, o lexicógrafo pode até inventar exemplos, mas tem que ter certeza (e, de preferência, se certificar num *corpus*) de que as frases inventadas ocorrem de maneira semelhante na realidade. Assim, em vez de partir de um *corpus*, modificando as ocorrências para oferecer exemplos adaptados, ele inventa o exemplo, mas depois consulta um *corpus*, se for necessário.

Segundo Potter (1998), o *corpus* pode ser usado não somente como base para a análise dos lexicógrafos, mas também como uma fonte direta de exemplos que podem ser usados nos dicionários. Com efeito, o tamanho dos bancos de dados hoje é

suficientemente grande para permitir aos lexicógrafos que trabalham com dicionários para aprendizes que encontrem exemplos claros e apropriados até para as palavras e expressões não freqüentes.

Embora o lexicógrafo com mais prática provavelmente corra menos risco de criar um exemplo enganoso, é importante ressaltar que até os mais experientes não podem produzir um exemplo prático e correto simplesmente por um processo de intuição e introspecção. É impossível afirmar, com base na introspecção, que um determinado adjetivo é usado mais freqüentemente com uma palavra específica ou que um verbo é usado predominantemente na forma negativa, ou que o sentido metafórico de uma palavra é mais usado que o literal. Todas essas afirmações ficam mais ou menos evidentes após a consulta num *corpus*.

Na verdade, o que fundamenta essa problemática é a forma do exemplo. Nos exemplos inventados, a forma é sintaticamente mais simples e geralmente mais breve e menos complexa. Por sua vez, os exemplos autênticos são normalmente mais complexos e talvez mais difíceis de serem compreendidos fora do contexto.

Outra problemática que surge além dessa discussão é acerca do uso dos exemplos propriamente ditos. Quanto à compreensão especificamente, Summers (1988) e Laufer e Melamed (1994) chegaram à conclusão, com base em testes, de que os exemplos podem levar ao entendimento do lexema consultado, mas, mesmo existindo, nem sempre são olhados pelos usuários.

Na produção, ao contrário, os exemplos são obviamente valiosos e, lamentavelmente por razões econômicas, faltam na maioria dos dicionários bilíngües. Evidentemente eles podem ser dispensáveis, como já mencionado anteriormente, se as obras contiverem informações sintáticas e colocações da palavra consultada. Porém isso geralmente não acontece e o dicionário torna-se pouco útil para a produção.

1.2.2.5 Expressões fixas ou idiomáticas⁷

As expressões fixas ou idiomáticas muitas vezes são incluídas nos exemplos, na mesma seção nos dicionários, sem haver necessariamente diferenciação entre elas. Elas não requerem nenhum tipo de esforço criativo por parte do falante, isto é, elas já estão prontas e não é possível entendê-las a partir do significado literal de cada palavra, e sim o sentido do todo, como, por exemplo, na linguagem coloquial: “bateu as botas” (referindo-se à morte de alguém num sentido quase que cômico), ou “viajou na maionese” (quando um dos participantes do discurso foge do assunto, deixando sua colocação sem sentido).

As expressões fixas geralmente interessam mais aos usuários que estão lendo e se deparam com uma seqüência de palavras sem sentido pela tradução literal. Alguns lexicógrafos de dicionários bilíngües preferem traduzir as expressões idiomáticas por outras “equivalentes” na L2, porém é questionável até que ponto haveria equivalentes para este tipo de expressão. Nos dicionários monolíngües, o entendimento parece ficar mais claro, uma vez que existem explicações a respeito do sentido das expressões, entretanto, nos bilíngües, infelizmente parece haver pouca ou nenhuma especificação nesse sentido.

1.2.2.6 Colocações:

Dentre as várias definições possíveis, destaca-se Hausmann (*apud* Welker 2004: 141) que classificou as colocações como co-ocorrências de “palavras com combinabilidade limitada”, “combinações afins”, e “produtos semi-cristalizados que o falante não monta de forma criativa, mas encontra na sua memória como um todo, e que

⁷ Baseado em Humblé (2001).

o ouvinte percebe como algo conhecido”. “combinações binárias típicas, específicas e características” (1984: 399). Esse autor defende que não se chega às combinações a partir de uma análise de frequência, mas, sim, com a competência do falante nativo.

Na verdade, o importante é que o usuário seja informado a respeito das combinações habituais das palavras. O problema está no fato de que ele não sabe onde procurar tais colocações e, ademais, os lexicógrafos muitas vezes as registram de forma assistemática. Em muitos dicionários não há nenhuma sistemática na apresentação das colocações e, muitas vezes existe sequer uma diferenciação visível entre colocações, expressões idiomáticas e exemplos, onde todos são agrupados sem nenhuma diferenciação tipográfica. Segundo Xatara (2001: 185) “seja como for, se um DLB (Dicionário de Língua Bilíngüe) ainda quisesse de fato favorecer a construção de enunciados na língua estrangeira, ele deveria especificar sistemática, e não esporadicamente as combinações frequentes”.

Chega-se à conclusão de que não existe uma solução perfeita, mas existem possibilidades de melhoria – como o destaque das colocações e uma frequência maior no registro das mesmas, mesmo que em dicionários comuns não seja possível serem registradas tantas colocações e a organização seja mais difícil.

1.2.2.7 Remissões

Além da macro e microestrutura, termos da lexicografia que se referem à organização do dicionário e dos verbetes, existe uma estrutura “entre elas” denominada comumente como *remissões*, isto é, a maneira de remeter o usuário de um lugar a outro na obra lexicográfica ou fora dela.

As remissões podem estar em forma de frases que dirigem o usuário para alguma parte do próprio dicionário, como a listagem de conjugação verbal (internas), ou

um livro ou site (externas), por exemplo. Elas podem vir com uma tipografia distinta daquela usada no verbete, com algum sinal gráfico, ou simplesmente estarem dispostas no verbete da mesma maneira que as outras informações. Quanto à disposição, podem estar dentro ou fora do verbete.

Quanto às informações paradigmáticas presume-se que um bom dicionário de produção deva remeter a lexemas que possuem relação semântica com o lexema a ser pesquisado, inclusive com determinada acepção desse lexema.

1.2.2.8 Equivalentes

Segundo Schmitz, (2001) as *equivalências* são responsáveis pela resistência ao uso de dicionários bilíngües em salas de aula de língua estrangeira por parte dos professores e especialistas em LE; porque “o grande problema com o dicionário bilíngüe é a sua limitação no que diz respeito ao número de vocábulos arrolados e à má qualidade das definições” (p. 163).

Acerca dessa má qualidade das definições - traduções, no caso dos bilíngües escolares de bolso principalmente, pode-se destacar o tamanho reduzido e o número pobre de vocábulos, que resultam numa superficialidade das traduções de uma língua para outra. Jorge Luis Borges citado em Schmitz (2001: 164), afirma que “a existência do dicionário está baseada na hipótese obviamente não comprovada, de que as línguas são compostas de sinônimos equivalentes”. Ou ainda Barnstone (1993), da mesma fonte (p. 165) “um dicionário bilíngüe procura a equivalência e não visa, em primeiro lugar, definir. Este tenta traduzir com fidelidade e literalmente, mas deixa a decisão da escolha apropriada para o tradutor”.

Poderíamos substituir, sem nenhum prejuízo de valor para a afirmação, “tradutor” por “consulente” ou “estudante”, no caso dos dicionários escolares, e ainda

assim um par de problemas continuaria em evidência: por um lado, a dificuldade na compilação para encontrar lexemas mais ou menos correspondentes em duas línguas, e, por outro, a dificuldade dos estudantes de escolher a mais adequada entre várias traduções, principalmente no caso da produção.

Entre duas línguas, a tarefa de se enumerar lexemas que possam ser usados em ambas com a mesma conotação torna-se muito mais complicada, ou quase impossível. Contraditoriamente, é dessa quase impossibilidade que é feito o dicionário bilingüe. Humboldt (1816) já afirmava:

(...) abstraindo das expressões que designam apenas objetos físicos, nenhuma palavra de uma língua é perfeitamente igual a uma de outra. Diferentes línguas são deste ponto de vista, somente tantas outras sinonímias: cada uma delas exprime o conceito de modo um pouco diferente, com esta ou aquela determinação secundária, um degrau mais alto ou mais baixo na escala das sensações.

Ademais dessa discussão, podem ser citados ainda os *tipos de equivalência*, apresentados por Scholze-Stubenrecht (*apud* Welker 2004: 196) enumera alguns:

- a estilística (mesmo registro);
- a pragmática (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas situações de comunicação);
- a terminológica (um termo técnico deve ser traduzido por um termo técnico na L2);
- a diacrônica (um lexema antiquado deve ser traduzido por um lexema antiquado na L2);
- a contextual (o equivalente deve poder ser usado nos mesmos co(n)textos);
- a sintático-gramatical (o equivalente de poder ser usado nas mesmas estruturas sintáticas, p. ex. na voz passiva);
- a metafórica (uma metáfora deve ser traduzida por uma metáfora);
- a etimológica (deve-se preferir equivalentes que têm a mesma origem no lexema da L1);
- equivalência na formação das palavras (*política, político - ing. Politics, politician*);
- equivalência na frequência (os equivalentes devem ter, nas duas línguas, o mesmo nível de frequência de uso);
- a fonética prosódica (importante em textos literários);
- a diatópica (praticamente impossível de ser alcançada, pois não faz sentido traduzir um regionalismo da L1 por um regionalismo) – (com conotações bem diferentes) da L2.

Apesar desse fato a que Humboldt se refere, o lexicógrafo deve almejar uma *equivalência funcional*, na qual o equivalente produz o mesmo efeito, e ademais se aconselha que os dicionários devam usar equivalentes que possam ser inseridos nos diversos contextos, porém vários autores percebem que isso é inviável. É impossível que todas as traduções adequadas de todos os lexemas sejam indicadas no dicionário, por isso, uma boa obra apresentaria o maior número possível delas (cf. Welker 2004: 197). No entanto, sabe-se que a maioria os dicionários bilíngües escolares, como os analisados, apenas listam vários equivalentes, e não mencionam os contextos mais adequados para serem usados.

Enfim, com base na revisão de conceitos de macro e microestrutura e de produção e compreensão apresentadas nesse capítulo, serão abordadas na próxima seção as análises dos dicionários, nas quais se pretende destacar as principais características de cada obra escolhida.

2 ANÁLISE DOS DICIONÁRIOS

Esta seção pretende elucidar aspectos considerados relevantes tanto da compreensão quanto da produção nas obras analisadas. Para tanto o presente capítulo foi dividido em quatro partes. A primeira, *Análise da estrutura dos dicionários*, é uma visão geral da organização dos dicionários, contando com aspectos como *Introdução*, *Bibliografia*, *Conteúdos adicionais*, *número de verbetes* e organização da obra. Foram analisados: O *Minidicionário Ática*, e o *Dicionário Básico Larousse* ambos editados pela Ática, o *Dicionário Escolar Michaelis* da Editora Melhoramentos e o *Minidicionário Saraiva*, da Saraiva.

Na segunda seção é desenvolvida a *Análise da macro e microestrutura* dos dicionários, onde são feitas análises comparativas de cinco verbetes nas duas línguas (português e espanhol), com o intuito de verificar a estrutura, organização e conteúdo dos verbetes, e qual atenção dada à produção e à compreensão em cada uma das obras.

Na terceira seção, *Distinção de lexemas semanticamente próximos*, foram escolhidas três palavras a fim de observar quais são os dispositivos utilizados pelas obras para diferenciar lemas que têm um grau de equivalência suficiente, e que devem ser detalhados claramente sobre seu uso. Na quarta seção, *argentinismos*, foram escolhidos cinco termos do dicionário de expressões argentinas *Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas (DVEA)*. Esses verbetes do DVEA foram comparados com entradas nos dicionários bilíngües, para verificar qual a atenção dada por essas obras aos regionalismos, já que todas afirmam contê-los.

Enquanto docente, pude observar uma série de palavras com as quais os alunos tinham certa dificuldade no entendimento sobre o significado ou dúvidas em usá-

las na produção da língua espanhola. Algumas dessas palavras são utilizadas como base para todas as análises deste trabalho e especificadas em cada seção. Com isso, pretende-se expor as principais características de cada obra e, na medida do possível, sugerir soluções para aquelas questões que podem ser mais exploradas nos dicionários.

2.1 ANÁLISE DA ESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS

Nesta sessão, os dicionários são analisados separadamente conforme a estrutura geral, o que consta na apresentação sobre suas características e se isso está de acordo com o observado. Sabe-se, pelo fato de o dicionário ser quase sempre de uso individual, que deve conter na apresentação dados que possam oferecer ao usuário condições de utilizá-lo por si próprio. Outras informações são pertinentes, como o público alvo, a quantidade e o critério de escolha dos verbetes e a presença de conteúdos adicionais.

2.1.1 Ática

O Minidicionário Ática esclarece na Apresentação que é indicado para estudantes de *nível médio* (supõe-se que essa informação corresponda a estudantes do Ensino Médio). Também afirma possuir aproximadamente 20 mil verbetes, 10 mil em cada língua. O critério de escolha dos verbetes utilizados foi o da frequência de uso, porém a obra não menciona qual a forma de seleção utilizada, nem a origem dos dados obtidos para a compilação. Ainda na *Apresentação*, é informada a maneira como o dicionário está organizado. Dá-se como exemplo um verbete de língua espanhola, que consiste em entrada, taxonomia, traduções, expressões idiomáticas, etc.

A seqüência dos verbetes obedece à ordem alfabética linear das respectivas línguas, inclusive separando os verbetes com as letras *ch*, *ll*, e *ñ*. A entrada na parte espanhol-português do dicionário inclui a divisão silábica, mostrando a sílaba tônica somente nas palavras heterotônicas. Já a entrada na parte português-espanhol do dicionário é mais simples, pois não inclui divisão silábica, embora apresente a mesma ordem das informações e os mesmos critérios de seleção das palavras.

Após a *Apresentação*, estão dispostos e explicados os sinais gráficos, que parecem ser simples e fáceis de lembrar para o aprendiz que use o dicionário com frequência. A seguir, está a seção da *Divisão Silábica*, explicando as regras de divisão do espanhol. Ainda há o *Quadro Fonético* que, de uma forma esquemática, apresenta os aspectos fundamentais da fonologia e ortografia espanhola. Seguem explicações sobre as regras de acentuação gráfica do português e do espanhol de uma forma comparativa e, por fim, a explicação das abreviaturas. Depois se dá início às entradas na ordem espanhol/português.

Ao final da obra estão alguns modelos de conjugação verbal (tanto de verbos regulares quanto irregulares), os numerais, adjetivos pátrios, pronomes e formas de tratamento – enfatizando a diferença do uso dos pronomes *vos* e *tú*, todos dispostos em quadros comparativos português/espanhol. Um aspecto que diferencia o *Ática* dos demais dicionários é que este apresenta a bibliografia usada na sua compilação. Além disso, sua microestrutura é bem desenvolvida, a maior entre os dicionários analisados, trazendo vários significados para muitas das palavras, além de exemplos e expressões. Os exemplos são claros e abrangem significados de várias áreas do conhecimento, porém deixa a desejar por não incluir a transcrição fonética das entradas em espanhol, talvez importante para a produção.

2.1.2 Dicionário Básico Larousse

Na *Apresentação*, o Dicionário Básico Larousse afirma possuir 30 mil verbetes e ser indicado para aprendizes iniciantes. Na *Introdução*, define as partes do dicionário, identifica seu público-alvo e explica que é indicado para a produção: "...com o uso deste dicionário, você irá desenvolver a habilidade de escrever em espanhol com fluência..." (p. IV). Nesta mesma seção, o dicionário se refere ao "...tratamento claro e detalhado dado ao vocábulo..." e às indicações de sentido das palavras que ajudam no momento de optar pela tradução mais adequada.

Outra seção é *Como usar este dicionário*. Nela é explicada a maneira de procurar as palavras no dicionário e é salientada a ordem alfabética diferenciada que o dicionário possui, pois na parte do espanhol as entradas que começam com *ñ* seguem às com a letra *n*. Logo estão as abreviaturas e, por fim, o dicionário inicia com as entradas em espanhol e em português.

Uma parte que surpreendentemente não é comentada na *Introdução* está exatamente entre o fim da primeira sessão e o início da segunda. Nela são apresentados e explicados alguns pontos gramaticais, a conjugação de alguns verbos (regulares e irregulares), os falsos amigos, algumas formas de uso do espanhol, como falar ao telefone, apresentar-se a alguém, fazer uma carta, a relação dos números, meses e dias, horas e alguns dados sobre a língua espanhola no mundo.

Um ponto diferenciado é a atenção dada aos verbos *haber* e *hacer*, pois o dicionário contém muitos exemplos e expressões para esses dois verbos, chegando a tomar quase meia página cada um, o que difere completamente das outras entradas. Outra característica que chama a atenção são as notas dispostas após a explicação de algumas entradas. Estas se referem ao uso das palavras traduzidas, trazem algumas curiosidades

ou até algum tipo de alerta para possíveis enganos, haja vista a semelhança entre a língua portuguesa e a espanhola. Há ainda o fato de algumas palavras receberem mais atenção do que outras como , por exemplo, os verbos e as preposições. As marcas de uso estão dispostas no início do dicionário de forma que podem confundir o usuário que busca informações rápidas. Muitas vezes não se consegue inferir o que significam por terem uma sigla confusa como: *fml* – formal; *fus* – inseparável; *gen* - geralmente.

Esta obra tem uma macroestrutura relativamente grande para um dicionário escolar, porém sua microestrutura é bastante reduzida. Isso leva a um questionamento inevitável: se este seria um dicionário adequado para os alunos que queiram produzir, conforme afirmado em sua introdução, já que quase não contém exemplos e sua microestrutura é tão limitada, o que pode ser visto inclusive numa análise superficial.

2.1.3 Michaelis

O Dicionário Escolar Michaelis informa no *Prefácio* que “... contém mais de 28.000 verbetes selecionados e adaptados para brasileiros que estudam a língua espanhola e se preocupam em falar e escrevê-la corretamente” (p. 7). Essa declaração parece evidenciar que a obra se preocupa mais com a produção do que com a compreensão. Ainda na mesma seção, os autores anunciam a inclusão de notas sobre gramática e sobre o uso adequado de expressões em espanhol.

Vale mencionar que, segundo consta no *Prefácio*, o dicionário segue normas rigorosas de padronização dos verbetes para possibilitar o acesso imediato à informação desejada. Os verbetes em espanhol e português apresentam a mesma estrutura, diferentemente de outras obras analisadas: divisão silábica, transcrição fonética, classe gramatical, área do conhecimento (acessada pelas marcas de uso), acepções, expressões.

Curiosamente, no *Prefácio* não são mencionados os exemplos, provavelmente porque são raros.

Logo após temos a seção *Organização do dicionário*, onde é apresentada a ordem alfabética espanhola com as letras *ch*, *ll* e *ñ*. Também é explicada a apresentação da entrada (o lema na cor azul e com separação silábica), e a organização do verbete: transcrição fonética, classe gramatical, área do conhecimento, formas irregulares (plurais irregulares e plurais de substantivos compostos com hífen, além de femininos e masculinos irregulares), traduções separadas por algarismos em negrito, exemplificação em itálico, expressões, destacadas em negrito e dispostas em ordem alfabética.

A próxima seção é a *Transcrição fonética do espanhol*, que explica os símbolos usados para transcrever a língua espanhola, apresentando exemplos de pronúncia. Há também uma explicação sobre o acento tônico e as diferenças entre a língua espanhola falada em diferentes países (*seseo*, *lleísmo* e *yeísmo*). Na *Transcrição fonética do português*, estão dispostos o alfabeto e os símbolos representativos da pronúncia, com exemplos. A última seção, antes do início dos verbetes, é a das *Abreviaturas*, onde está disposta a lista de marcas de uso. Não há informação sobre o significado de cada uma.

Ao final está um *Apêndice*, onde são abordados alguns assuntos complementares que não foram tratados no corpo do dicionário, tal como a *conjugação dos verbos em espanhol*, que apresenta algumas conjugações de verbos regulares e irregulares. Logo após, vem a *lista de verbos irregulares em espanhol* que apresenta a maneira de conjugar os verbos, seguindo a conjugação já explicada e exemplificada anteriormente. Em seguida temos a *conjugação dos verbos auxiliares e regulares em português; relação dos verbos irregulares, defectivos ou difíceis em português; números,*

no qual estão dispostos numerais cardinais e a tradução; *ditados e provérbios*, onde se dá uma possível “equivalência” em português.

2.1.4 Saraiva

Esse dicionário não menciona o número de verbetes, o público-alvo, os critérios de seleção dos verbetes, uma descrição detalhada de como usar o dicionário ou de como ele estaria organizado. Inicia com a apresentação da estrutura do dicionário de uma forma esquemática, fácil de entender. Logo após, vem a explicação das marcas de uso, o compêndio gramatical, que apresenta o alfabeto gráfico e fonético com explicação a respeito da pronúncia de cada letra, incluindo os símbolos fonéticos, explicação sobre fonética e fonologia, explicação acerca dos sinais de pontuação em espanhol, da língua espanhola e a acentuação ortográfica. Ainda apresenta exemplos de conjugação dos verbos regulares para finalmente iniciarem as entradas em espanhol.

Essa obra possui nas entradas de língua espanhola a conjugação de alguns verbos, a maioria irregulares, feitas no próprio corpo do dicionário, entre uma entrada e outra e não em seções como faz o *Ática* e o *Michaelis*, ademais, apresenta curiosidades e remissão para endereços na Internet. Inclusive, há uma advertência no rodapé, quando os falsos cognatos aparecem, alertando para as diferenças entre as duas línguas, no entanto, tal forma de organização interrompe a linearidade das informações, pois o usuário precisa ir em busca de outras adicionais, que poderiam estar no próprio verbete. Além disso, não existe uma remissão para esse bloco de informações à parte do verbete, e por isso o consulente pode não perceber tais observações, já que estão no rodapé.

Ao final estão os numerais somente em espanhol (cardinais e ordinais) e os adjetivos pátrios, estes sim, traduzidos. Todos os lemas, tanto na entrada em espanhol quanto em português são divididos silabicamente com destaque para a sílaba tônica, e

existe marca alfabética nas laterais. Ainda é salientada a diferença entre os significados do espanhol da Espanha e de outros países, em alguns verbetes, além de trazer a transcrição fonética de todas as entradas em espanhol.

A obra está bem organizada tanto na apresentação quanto no conteúdo. Geralmente traz vários significados para cada palavra, e explicações complementares no rodapé. Seu uso é facilitado pelo fato de ter entradas, tabelas com verbos, e alguns símbolos coloridos e usar um bom espaço na separação entre as palavras. Suas abreviaturas são fáceis de entender e as marcas nas páginas agilizam a busca. A ausência da informação a respeito do número de verbetes que contém causa estranhamento. Mesmo assim, por ser um minidicionário escolar percebe-se que possui mais ou menos a mesma quantidade de verbetes que os outros dicionários analisados.

2.1.5 Abreviaturas e Marcas de uso

Quanto às abreviaturas, registram-se algumas características dos dicionários nesta seção de análise geral, pois, embora se saiba com a prática docente que os alunos raramente procuram o significado das abreviaturas, elas são parte importante da estrutura de qualquer dicionário. Assim, presumimos que, quanto mais parecidas elas forem com a palavra original, melhor será para a rapidez, a fluidez e o entendimento da informação desejada. Contudo, notou-se que nem sempre elas aparecem na forma ideal nas obras consultadas.

O quadro abaixo mostra algumas características presentes nas abreviaturas nos dicionários estudados:

	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
Lugar de disposição explicativa no dicionário.	Início	Início	Início	Início
Ordem de significação das abreviaturas.	Abrevatura/	Significado./	Abrevatura/	Abrevatura/

	Significado	abreviatura	significado	significado
Ordem das abreviaturas nos quadros explicativos dos dicionários.	Alfabética	Alfabética	Alfabética	Alfabética
Ordem de disposição nos verbetes.	Início	Início/final	Início	Início
Possui alguma abreviação não explicada?	Sim, exemplo: 2G	Não	Não	Não
Faz algum tipo de junção das abreviaturas?	Não	Sim	Não	Não
É possível intuir o significado das abreviaturas?	Sim	Algumas vezes não	Sim	Sim

Quadro 1 – Características da apresentação das abreviaturas nas obras consultadas

Esse quadro mostra o tratamento dado às abreviaturas pelas obras consultadas. Os quatro dicionários apresentam a lista com as abreviaturas antes do início do corpo de texto, sendo em quase todas, com exceção do Saraiva, o último item a ser apresentado antes do início das entradas. No Saraiva, elas aparecem logo após a estrutura do dicionário, seguidas do *Compêndio gramatical*. O lugar de disposição no verbete também é a mesma em todos os dicionários: no início, logo após o lema (ou sua transcrição fonética, no caso do Michaelis e do Saraiva).

Algo que se destaca é a maneira como estão listadas as abreviaturas no Larousse, pois estão no sentido palavra/abreviatura, por exemplo, “comércio – COM”, ao contrário das outras obras onde se têm: “COM – comércio”. Parece lógico que o consulente procurará primeiro pela abreviatura que quer *decifrar* para descobrir então seu significado. Nesse caso, a busca provavelmente será dificultada também pela ordenação confusa. Isso porque nós, ocidentais, lemos e buscamos informações gráficas da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Quanto às abreviaturas e suas explicações, foi possível constatar que o Larousse não apresenta a explicação da abreviatura 2G (provavelmente substantivo de dois gêneros). Outro ponto interessante nessa obra é a junção de algumas abreviaturas, como *fpl* ou *mpl*. Para um estudante que tenha conhecimento gramatical da língua poderia ser fácil identificar: *feminino/masculino no plural*. Contudo, um estudante de nível

escolar provavelmente não chegue a essa conclusão tão facilmente. É aconselhável que as abreviaturas estejam separadas umas das outras. Assim, em caso de dúvida, o consulente pode procurá-las separadamente na listagem fornecida pelo dicionário.

Uma característica imprescindível das abreviaturas é que elas sejam identificáveis, isto é, estarem abreviadas de forma clara e precisa, para que o usuário possa sempre que possível inferir o que significam e evite buscá-las na lista de significados fornecida pela obra consultada. Isso porque a maioria dos usuários não tem paciência, tempo ou vontade de procurar informações adicionais. Quanto a essa questão, o Dicionário Larousse não permite a intuição de algumas formas abreviadas como “fus” para “inseparável” e “gen” para “geralmente”, o que pode dificultar de certo modo a compreensão do usuário, que terá que buscar o significado na tabela fornecida pelo dicionário. Essa também é confusa conforme já mencionado anteriormente.

Os dados apresentados, mesmo que resumidos, levam à constatação de que as abreviaturas, e especificamente as marcas de uso necessitam um tratamento mais específico. Em nenhuma das obras existe explicação do que cada uma pode significar, deixando margem de dúvidas ao usuário e, por isso, em alguns casos, não cumprem com seu principal papel, que é trazer informações adicionais ao verbete. Outro ponto importante a ser ressaltado são os tipos de marcas de uso utilizadas, uma vez que refletem também parte das informações presentes no corpo do verbete. Abaixo, apresenta-se o quadro comparativo das marcas de uso conforme Hausmann (*apud* Welker, 2004:131), com alguns exemplos das marcas apresentadas pelas obras.

Tipos de marcas	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
Diacrônicas	--	--	--	--
Diatópicas	Am. C. , Arg,	Andes/Chile/ CRrica	Amér. Lat./ CSI, AL	AC/ANT/PAN
Diintegrativas	--	--	--	--
Diamediais	--	--	--	--
Diastráticas	Col/Vulg	Fam/Vul	Fam/Vulg	Col/Vul
Diafásicas	--	Fml	--	--

Diatextuais	Liter/Teat	--	Lit/Teat	Liter/Teat
Diatécnicas	Elétr/For/Med	INFORM/NAUT	Mec/Náut/Téc	Mil/Fil/Geol
Diafreqüentes	--	--	--	--
Diaevolutivas	Dep	--	--	--
Dianormativas	--	--	--	--

Quadro 2- Exemplos dos tipos de marcas de uso e abreviaturas apresentadas pelos dicionários.

Percebe-se com esse quadro que os dicionários analisados não apresentam, em sua estrutura, a intenção de informar basicamente quanto ao uso dos lexemas para atividades de produção. Isso pode ser constatado pelo fato de que não se ocupam em apresentar aspectos diacrônicos, diferenciação entre fala e escrita (marcas diamediais), indicação de estrangeirismos (diaintegrativas), quanto à freqüência de uso (diafreqüentes) e acerca das normas da língua padrão (dianormativas).

Por outro lado, parece haver uma preocupação considerável com informações aplicadas a áreas restritas (regiões ou países), fato sinalizado pelas marcas diatópicas, uma vez que todas as obras as apresentam em grande quantidade. Esse pode ser considerado um aspecto positivo, pois mostra que as obras procuram apresentar as variações da língua espanhola em diferentes países, característica importante para ambos os modos, de compreensão e produção.

Da mesma maneira, as marcas diastráticas também recebem atenção em todas as obras, principalmente no sentido *coloquial, vulgar e familiar*, ainda que nenhuma explique a diferença entre elas. O Larousse é o único a demonstrar interesse pelas marcas diafásicas, pois apresenta a abreviatura de *formal*, que é uma informação adicional tanto para a produção e compreensão. Em contrapartida, essa é a única obra que não apresenta marcas diatextuais, também importantes.

Igualmente, as marcas diatécnicas estão em todas as obras, e parecem auxiliar no entendimento do sentido do verbete, já que esse geralmente tem um tamanho reduzido e não apresenta explicações em nenhuma das obras, apenas traduções e, no máximo

rubricas, que são também características dos bilíngües. As diaevalutivas somente constam no *Ática* e no *Larousse*, e fazem falta nas demais obras. Contudo, parece importante saber que tipo de impressão uma palavra pode causar numa língua estrangeira, com destaque para a produção, na qual não há um contexto que auxilie no entendimento e por isso é preciso escolher com cautela a palavra mais apropriada para expressar o que se deseja. Por fim, é necessário acrescentar que, embora tenha sido constatada a existência de marcas de uso, não foi verificado se elas foram colocadas corretamente em todos os lexemas nos quais seriam necessários.

2.2 ANÁLISE DA MACRO E MICROESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS

Para esta análise, que objetiva explicitar como está composta a organização tanto da macroestrutura quanto da microestrutura nas obras analisadas, foram escolhidas cinco palavras de cada entrada. A saber: *caer*, *escritorio*, *hermoso*, *hacia* e *pie* (entradas em espanhol); e *acontecer*, *acordar*, *continuar*, *gente* e *marcar* (entradas em português).

Para tanto, procurou-se observar, no campo da macroestrutura, o tipo de arranjo de entradas, a organização e o formato dos verbetes, se existem tabelas e gráficos entre verbetes e se existem informações sintáticas e outras fora do bloco. Outras características observadas são: a apresentação do verbete (inclusive palavra-entrada) e a organização das informações.

Quanto à microestrutura, na cabeça do verbete, procurou-se observar a presença de transcrição fonética e marcas de uso. Outros itens analisados foram a presença de remissões, além da presença e tradução (ou não) de exemplos, colocações, expressões fixas e a relevância destes para cada verbete. Ao final das análises, apresentam-se quatro quadros com um pequeno resumo dos dados obtidos.

As análises serão feitas através de quadros comparativos, que apresentam cada entrada nas diferentes obras, acompanhados das observações pertinentes. Na segunda parte, são comparados cinco verbetes português/espanhol, com vistas à discussão sobre as diferenças no tratamento dado às duas partes de cada obra (entradas em espanhol/português).

2.2.1 Espanhol / português

2.2.1.1 Caer

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<p>ca.er v.i. 1. Cair, desabar. 2. Cair, desprender, soltar. 3. Cair, morrer, (em combate). 4. Cair, tomar de assalto. 5. Cair, destituir do poder. 6. Cair, degradar. 7. Cair, decair. 8. Chegar inesperadamente, sobrevir. <i>Cayó en la iglesia a las seis de la semana.</i> Apareceu na igreja às seis da manhã. 9. Cair, desvalorizar (moedas). 10. Cair, combinar (roupas). 11. Cair, ocorrer (datas). 12. Cair, ser pego. <i>Cayó en una trampa.</i> Caiu numa armadilha. 13. Cair, incorrer, incidir. <i>Cayó en un error.</i> Caiu num erro</p> <p>■ Caerse v.p. 1. Cair, desabar, perder o equilíbrio. <i>Me caí de la escalera.</i> Caí da escada. 2. Cair, desprender-se, soltar-se. <i>Se le cae mucho pelo.</i> O cabelo dela cai muito. ■ <i>C.mod.</i> 16.</p> <p>◆ Caer bien (algo). Ter bom caimento, assentar, ornar. Caer bien (alguien). Ser agradável. Caer en la cuenta. Perceber, compreender. Caer enfermo. Ficar doente.</p>	<p>caer vi cair; (<i>estar localizado</i>): la catedral cae por el centro a catedral fica lá pelo centro; caer bien/mal cair bem/mal.</p> <p>Caer en v + prep (<i>respuesta solución</i>) descobrir; (<i>data determinada</i>) cair em, ser em; caer en la cuenta dar-se conta. Caerse vpr cair.</p>	<p>ca.er [ka'er] vi+vpr 1 cair, desabar, tombar. 2 diminuir. 3 morrer, sucumbir. 4 fracassar. caer enfermo ficar doente. caer en gracia conquistar simpatias (de alguém). caer en la cuenta dar-se conta, compreender. caiga quien caiga apesar de tudo.</p>	<p>ca.er [kaer] vi 1. Cair; desprender; soltar. 2. Desabar. 3. Sucumbir; morrer. 4. Decair. 5. Destituir do poder. 7. Incorrer. 8. Corresponder. 9. Entender. 10. Ocorrer (data). <i>Vp ~se</i> 11. Cair; perder o equilíbrio. 12. Soltar-se. ~ a pedazos Cair aos pedaços. ~ bien Ter bom caimento. ~ de espaldas Cair de costas. ~ enfermo Ficar doente. ~ en gracia Cair nas graças de alguém. ~ muerto de risa Morrer de rir. ~ muy bajo Perder a dignidade. Caiga quien caiga Apesar de tudo. Dejar ~ algo en una conversación Dizer algo parecendo sem querer. Estar algo al ~ Estar para acontecer. No tener onde ~se muerto Não ter onde cair morto. <i>Verbo irregular.</i></p>

Caer gordo (alguien).

Não causar boa impressão. **Caerse de espaldas. 1.** Cair de costas. **2.** Espantar-se, assustar-se. **Caerse de viejo.** Cair de velho.

Caerse la cara de verguenza. Morrer de vergonha. **Caerse muerto de risa.**

Morrer de rir. **Dejar caer. 1.** Deixar cair, soltar. **2.** Dar com a língua nos dentes. **No tener dónde caerse muerto.** Não ter onde cair morto.

Tabela 1 – Presença do verbete *caer* nas obras analisadas.

2.2.1.1.1 Ática

A microestrutura do dicionário Ática parece ser a mais completa e melhor organizada quando comparada com as outras obras analisadas. Logo após a entrada em negrito, e separada silabicamente, vem a indicação gramatical (*v. i.* – verbo intransitivo). As acepções são numeradas em negrito e separadas por pontos. Ademais, repetem sempre a primeira tradução (*cair*), e depois indicam, separando por vírgula, os lexemas diferenciadores.

Os exemplos (quando há) estão logo após a acepção à que se referem, não deixando dúvidas quanto ao seu lugar no verbete. Em alguns casos, há rubricas que esclarecem o significado do equivalente português. Existem marcas gráficas antes dos verbos pronominais, chamando a atenção para a diferença na acepção. No entanto, parece que essa indicação está mais voltada para a compreensão do que para a produção, pois não fica claro como deve ser usada essa forma, mesmo contendo alguns exemplos.

Encontra-se uma remissão neste verbete (*C. mod 16*) que leva o leitor a uma seção do dicionário denominada *Modelos de conjugação verbal*, onde existem

conjugações dos principais verbos. No entanto, não se esclarecem quais são os critérios de seleção desses verbos. No caso de *caerse* (verbo pronominal), o usuário tem que buscar a conjugação em outras fontes, pois a obra traz apenas a conjugação da forma canônica *caer*, e para a produção esta é uma falta considerável.

Após a remissão estão algumas colocações, que parecem ter uma ordem de organização claramente definida (mas não explícita na *Introdução*), pois, por observação, percebe-se que a ordem alfabética é o critério escolhido. A seguir iniciam as expressões e as colocações, com a marca gráfica “◆”. As expressões com *caer* estão antes e aquelas com *caerse* depois.

Percebe-se que a forma canônica do verbo é usada e em nenhum momento aparece outra forma que proporcione um entendimento mais aprofundado ao usuário. Aquele que estivesse com o intuito de compreender, provavelmente se serviria muito bem com as informações dadas, porém, aquele que procurasse informações para produzir ficaria empenhado em buscar outras fora da obra que lhe pudessem ser úteis, como na questão do verbo pronominal “*caerse*”, que poderiam estar no dicionário.

É considerável a seção, já mencionada, onde existem as conjugações de alguns verbos. Contudo, fica a dúvida acerca do motivo para formas como estas, de verbos pronominais, que são um pouco complicadas para os aprendizes de espanhol (mesmo os brasileiros) não estarem numa parte importante e da obra como esta.

2.2.1.1.2 Larousse

No dicionário Larousse, o modo de organização é um tanto confuso, pois a única maneira de diferenciar e separar as informações é a fonte (negrito). Os pontos e a numeração, que auxiliam na discriminação das informações, não são usados, dificultando o entendimento.

O lema do verbete *caer* está em negrito e não é separado silabicamente. Existe a indicação de verbo intransitivo e logo após está a tradução *cair*, entre esses elementos não há sinais de pontuação. Separado por ponto-e-vírgula está um exemplo em negrito e sua tradução, também na mesma frase. Da mesma maneira, separa-se a tradução.

Em dois subitens têm-se primeiramente uma colocação em forma de *fórmula*, após sua tradução, e por segundo, a forma canônica do verbo pronominal *caerse*, com a indicação (*Vpr*) e sua tradução. Além da má organização, a falta de exemplos, traduções, colocações, expressões e explicações fazem com que talvez até mesmo um usuário que pretende apenas compreender não consiga atingir seu objetivo.

2.2.1.1.3 Michaelis

O Michaelis informa pelas abreviaturas que *caer* é um verbo intransitivo e pronominal e acrescenta uma acepção diferente entre as obras analisadas (acepção 2: *diminuir*), que parece ser um significado bastante comum em espanhol. O verbete contém expressões, mas faltam exemplos, principalmente para o verbo pronominal. Acepções que deveriam conter exemplos são: nº 3 (morrer, sucumbir) e nº 4 (fracassar), para que se possa ter noção do uso real do verbo nesses casos, e quais as palavras mais apropriadas para acompanhá-las num contexto de produção.

Além disso, quatro acepções parece ser um número muito pequeno para esse verbo que pode ser usado em tantas situações. Talvez por ser parecido com o português, a Editora não tenha a intenção de explorar um lexema que já é de conhecimento do estudante por inferência. No entanto, há que se considerar que nem sempre todas as acepções podem ser imaginadas pelo aluno, e, ao contrário, justamente pela proximidade, só se pode inferir aquilo que se conhece da própria língua materna. Chega-se à conclusão

então de que essa possível imaginação limita, conseqüentemente, a abrangência da palavra em espanhol com base na inferência do aluno. Por isso, as palavras freqüentes ou comuns também deveriam ser exploradas ao máximo, assim como aquelas incomuns.

2.2.1.1.4 Saraiva

A palavra-entrada *caer* do dicionário Saraiva é dividida silabicamente, e a sílaba tônica está em negrito. Seguindo o lema, vem a *transcrição fonética* e a indicação do verbo intransitivo (*vi*). As acepções estão separadas numericamente e por frases e, quando há mais de uma tradução, estão separados por vírgulas. Lamentavelmente, não existem exemplos que expliquem as diferentes acepções, apenas a listagem (comum para um dicionário de compreensão). A forma pronominal *caerse* está entre as acepções sem nenhuma distinção, inclusive de maneira confusa, uma vez que não há tradução específica. Ao contrário, pode ser facilmente confundida com a próxima acepção “11”: *cair, perder o equilíbrio*, como se fosse a única tradução para *caerse*. Após a acepção “12”, estão dispostas expressões com traduções e colocações também traduzidas, todas elas com a forma canônica substituída pelo sinal “~”. A informação de verbo irregular é incluída ao final do verbete de forma extensa.

De todos os dicionários analisados, fica a dúvida sobre a razão do descaso em apresentar somente a forma canônica, sem mais comentários sobre o seu uso. Talvez seja pela falta de espaço, ou pela proposta de cada dicionário por ser voltado para a produção ou compreensão. Ou, talvez ainda, pelo trabalho exaustivo que seja pesquisar essa forma num *corpus* a fim de chegar a conclusões pertinentes segundo o uso. De qualquer maneira, é importante que ela esteja mais explicada e exemplificada nas quatro obras.

2.2.1.2 Escritorio

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
☞ es.cri.to.rio s.m. 1. Escrivadinha. 2. Portajóias. 3. Despacho, escritório, sala.	escritorio m escrivaninha <i>f.</i> Note que escritorio também significa em espanhol móvel para escrever, fazer tarefas de escritório , etc.: (Tenia mucho trabajo esperando sobre el escritorio. Tinha muito trabalho esperando sobre a escrivaninha.)	es.cri.to.rio [eskrit'orjo] <i>sm</i> 1 escrivaninha. 2 escritório. Vejas as notas em escritório e despacho .	es.cri.to.rio [eskritorjo] {fc} <i>sm</i> 1. Escrivaninha. 2. Portajóias.

Tabela 2 – Presença do verbete *escritorio* nas obras analisadas.

2.2.1.2.1 Ática

No caso de *escritorio*, é interessante analisar as diferenças entre os quatro dicionários. O dicionário Ática apresenta, em primeiro lugar (antes da entrada em si), um sinal gráfico, que indica que o verbete é um falso cognato (FC), e, em seguida, a ordem de estrutura normal, característica do seu formato (detalhado no verbete *caer*). O mais curioso, no entanto, é trazer por último, na acepção 3, as traduções *despacho*, *escritório*, *sala*. sem explicar quando deve ser usada uma ou outra tradução. Isso poderia se dar através de etiquetas ou exemplos.

2.2.1.2.2 Larousse

O Larousse também traz um tipo de entrada distinto. Ele não explica de antemão que o verbete é um falso cognato, apenas dá o significado e acrescenta uma nota logo abaixo da entrada. Surpreendente é que essa nota parece ser repetitiva, segundo o significado que acaba de ser dado, pois a primeira frase *Note que escritório também significa em espanhol móvel para escrever*. . . repete o que foi dito anteriormente na entrada, isto é, a nota não acrescenta nenhuma informação e ainda causa um estranhamento por incluir *também significa* que dá a idéia de adição, deixando a oração sem sentido, embora o exemplo possa ajudar na compreensão.

Quanto à estrutura do verbete e à não-informação acerca do lexema ser um falso cognato, igualmente acontece com outros FC na mesma obra, como *saco*, *pelo* e *película* (salvo que não apresentam notas). Em contrapartida, o verbo *pegar* tem uma explicação ímpar, muito clara e precisa, não parecendo deixar dúvidas para o usuário sobre as diferenças existentes em ambas as línguas acerca do uso desse verbete. Com isso, percebe-se que esta obra parece variar na atenção dada aos diferentes FC, pois alguns têm notas suficientemente claras, enquanto outros não são mencionados como tais, deixando margem de dúvida ao usuário que, é claro, não tem domínio de todos os falsos cognatos. Além disso, é notável a falta da marca de uso ou de um sinal gráfico indicando diferença nos verbetes heterossemânticos.

2.2.1.2.3 Michaelis

No Michaelis também se percebe a ausência de um sinal gráfico indicando ser o lexema um falso cognato, ou de uma explicação no verbete. Apenas têm-se duas

acepções, a primeira mais conhecida, *escrivadinha*, e a segunda, provavelmente duvidosa, pois há controvérsias sobre o uso do lexema no sentido de “escritório”. Existe uma remissão interna para as notas de *escritório* e *despacho* em português, que terminam por explicar o verbete. Novamente faltam exemplos, que poderiam explicitar o uso adequado do verbete e, provavelmente, evitar enganos.

2.2.1.2.4 Saraiva

O dicionário Saraiva indica que *escritório* é um falso cognato, porém, talvez, os usuários não se dêem conta dessa informação pelo fato de a abreviatura estar após a transcrição fonética. Provavelmente os mais desatentos não notem a diferença e tal marca pode passar despercebida.

Enfim, parece que a solução mais apropriada foi a encontrada pelo Ática, pois avisa já no início do verbete, que o lexema é um FC e deixa o leitor preparado para encontrar, não o mesmo sentido conhecido no português, mas outro. No entanto, em todas as obras faltem exemplos, expressões e colocações.

2.2.1.3 Hermoso

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
Her.mo.so/a <i>adj</i> 1. Muito bonito, lindo, formoso. 2. Grande, magnífico, formoso. <i>Tienen una casa hermosa.</i> Têm uma casa magnífica. 3. Esplêndido, formoso, claro (clima). <i>Hace un día hermoso.</i> Está um dia esplêndido. 4. Robusto, forte, saudável. <i>El niño está hermoso.</i> A criança está forte.	Hermoso,sa <i>adj</i> formoso(sa); (ação, gesto) bom (boa).	Her.mo.so, -a [erm'oso] <i>adj</i> 1 formoso, belo, bonito. 2 esplêndido, bom (o tempo). 3 nobre (uma atitude)	her. mo.so/a [ermoso/a] <i>adj</i> 1. Formoso; lindo. <i>Sin bello. Ant feo.</i> 2. Esplêndido; magnífico.

Tabela 3 – Presença do verbete *hermoso* nas obras analisadas.

2.2.1.3.1 Ática

O dicionário Ática apresenta, logo após o lema, a abreviatura da classe gramatical a que pertence o lexema em questão. Em seguida apresenta quatro acepções, com seus exemplos e traduções, parecendo deixar claro para o usuário quais são alguns dos usos desse lexema.

2.2.1.3.2 Larousse e Michaelis

O Larousse por sua vez, traz apenas duas acepções sem mais explicações, exemplos ou expressões. Porém, parece que para um aprendiz iniciante para o qual a obra é indicada, seria importante explicar a como de usar de “hermoso” para um “gesto bom”, por exemplo. Essa obra apenas lista os significados e apresenta algumas etiquetas, não apresentando exemplos, que ajudariam muito no entendimento desse verbete, como faz o Ática. O Michaelis, da mesma forma que o Larousse somente cita as três acepções e acrescenta as rubricas, porém fica a dúvida sobre o uso adequado do lexema.

2.2.1.3.3 Saraiva

O Saraiva traz duas acepções com traduções comumente usadas para este lexema, mais informações paradigmáticas (indicação de sinônimo e antônimo) sendo este um acréscimo significativo, tanto para a produção quanto para a compreensão porque ajuda no entendimento do verbete. No entanto, a obra não apresenta exemplos, expressões e/ou colocações.

2.2.1.4 Hacia

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<p>ha.cia <i>prep.</i> 1. Para, em direção a. <i>Voy hacia el centro.</i> Vou em direção ao centro. <i>Miró hacia la calle.</i> Olhou para a rua. 2. Para, perto de, por volta de. <i>Vendrá hacia final del año.</i> Virá para o fim do ano. <i>Volveré hacia las seis.</i> Voltare perto das seis.</p> <p>◆ Hacia arriba/abajo. Para cima/baixo. Hacia dentro/fuera. Para dentro/fora.</p>	<p>hacia <i>prep</i> (em direção a) para; (no tempo) por volta de.</p>	<p>Ha.cia [ˈaOja] <i>prep</i> para, em direção a. <i>vamos hacia el norte / vamos para o norte.</i></p>	<p>ha.cia [a0ja] <i>prep</i> 1. Para; em direção a. 2. Ao redor de; perto de. ~ abajo Para baixo. ~ arriba Para cima. ~ atrás Para trás. ~ dentro Para dentro. ~ fuera Para fora.</p>

Tabela 4 – Presença do verbete *hacia* nas obras analisadas.

2.2.1.4.1 Ática

No verbete *hacia*, o dicionário Ática parece estar bem organizado e ter o conteúdo suficientemente desenvolvido para não deixar dúvidas tanto para a produção quanto para a compreensão. A obra traz apenas duas acepções para este lexema, porém estão bem explicadas pelos exemplos. As colocações seguidas de traduções estão marcadas por um sinal gráfico (◆), que tem sua função explicada na introdução da obra: introduzir expressões e locuções.

2.2.1.4.2 Larousse

Percebe-se nitidamente neste verbete a contribuição dos exemplos para um melhor entendimento. O dicionário Larousse, por exemplo, apresenta as mesmas traduções que o Ática, porém sua microestrutura é pobre e pouco clara para o usuário que queira produzir.

2.2.1.4.3 Michaelis

O dicionário Michaelis, por outro lado, apresenta apenas uma acepção e um exemplo, o que é importante para este verbete, já que não se pode inferir o significado, e a tradução fica um pouco vaga. Talvez algumas expressões possam ajudar nesse contexto.

2.2.1.4.4 Saraiva

O Saraiva traz as mesmas acepções que o Ática. As expressões *hacia arriba/abajo* e *dentro/ fuera* são separadas, diferentemente do Ática. Parece não haver motivo para tal separação, uma vez que o que ocorre realmente é apenas a substituição pelas palavras adequadas ao contexto.

2.2.1.5 Pie

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<p>Pie <i>s.m.</i> 1. Pé, membro terminal do corpo. 2. Pé, base. 3. <i>Bot.</i> Tronco. <i>Esse árbol tiene el pie torcido.</i> Essa árvore está com o tronco torto. 4. <i>Bot.</i> Pé, planta pequena. <i>Un pie de albahaca.</i> Um pé de manjeriço. 5. Parte de meias, calçados, etc. que cobre o pé. 6. Pé, medida inglesa. 7. Pé, medida poética. 8. Pé, parte oposta à cabeceira. ◆ Pie de cabra. Pé-de-cabra. Pie de imprenta. Dados de impressão em um livro. Pie plano. Pé chato. Pies ligeros. Pés leves, pessoa que anda rápido. A cuatro pies. (andar) de quatro. A pie.</p>	<p>Pie <i>m</i> pé <i>m</i>; (<i>animal</i>) pata <i>f</i>; (<i>apoio</i>) pedestal <i>m</i>; (<i>de uma montanha</i>) sopé <i>m</i>; (<i>de um texto</i>) rodapé <i>m</i>; a pie a pé; en pie em pé; estar de pie estar de pé; hacer pie dar pé; pies de cerdo pés de porco cozidos de diversas maneiras.</p>	<p>Pie [p'ie] <i>sm</i> 1 pé. 2 pata. 3 base. 4 pé (medida). 5 árvore, planta. 6 pé de página. 7 <i>fig</i> motivo, fundamento. al pie ao pé. de pies a cabeza da cabeça aos pés, inteiramente. echar el pie atrás ficar com um pé atrás, duvidar. estar en pie estar em pé, estar firme. Hacer pie dar pé (água). no dar pie con bola não dar uma dentro, errar. Pararle los pies a uno cortar as asas de alguém. sacar el pie del lodo <i>fam</i> tirar o pé da lama, sair de um apuro. sin pies ni cabeza sem pé nem cabeça,</p>	<p>Pie [pje] <i>sm</i> 1. Pé. 2. Base. 3. <i>Bot</i> Árvore pequena. 4. <i>Bot</i> Tronco. 5. Unidade de medida inglesa. 6. Parte oposta à cabeceira. A ~ A pé. Al ~ de la letra Ao pé da letra, literalmente. Besar los ~s Beijar os pés, ser submisso. Cojear del mismo ~ Sofrer do mesmo mal. Con ~ derecho. Com o pé direito. Dar ~ Dar pé. De ~ De pé. De ~s a cabeza. Da cabeça aos pés. No poderse tener en ~ Não se agüentar em pé. ~ plano Pé chato.</p>

A pé. **A pie de texto,** confuso.
página. No redapé (em textos). **A pie juntillas.**
1. Com os pés juntos. **2.** Piamente. **Al pie de fábrica.** A preço de fábrica. **Al pie de la letra.** Ao pé da letra. **Besar los pies.** Beijar os pés. **Buscarle tres/cinco pies al gato.** Procurar pêlo em ovo. **Cojear del mismo pie.** Sofrer do mesmo mal. **Con pie en el hoyo.** Com o pé na cova. **Dar pie.** Dar motivo. **De pie. 1.** De pé, acordado. **2.** De pé, ereto. **De pies a cabeza.** Da cabeça aos pés. **Echar pie atrás.** Voltar atrás. **Echarse a los pies de.** Jogar-se aos pés de. **En pie. 1.** De pé, ereto. **2.** De pé, válido. **En pie de guerra.** Em pé de guerra. **Hacer (algo) con los pies.** Fazer (algo) nas coxas. **Hacer pie. 1.** Tocar o fundo (na água), dar pé. **2.** Abrir-se caminho. **Ir(se) de a pie.** Ir a pé, caminhando. **No dar pie con bola.** Não fazer nada certo, não dar uma dentro. **No poder tenerse en pie.** Não agüentar-se em pé. **No poner los pies en.** Não pôr os pés em, não pisar. **Ponerse en pie. 1.** Ficar de pé. **2.** Recuperar-se de uma doença. **Quedarse a pie. 1.** Ficar a pé. **2.** Ficar na mão.

Tabela 5 – Presença do verbete *pie* nas obras analisadas.

2.2.1.5.1 Ática

Na entrada *pie*, percebem-se novamente diferenças marcantes entre a organização da macro e microestrutura dos dicionários analisados. O dicionário Ática possui uma microestrutura extensa, com oito acepções (algumas com exemplos) e várias colocações e expressões, dando uma idéia geral do uso deste verbete.

Cabe ressaltar que foram dados exemplos justamente nas acepções três e quatro. Na acepção três ela parece supérflua, porém, na acepção dois é imprescindível (pois precisa-se saber, no caso da produção, quando “pie” pode ser usado no sentido de base).

No caso da abreviatura (*m*) de substantivo masculino, é fundamental em dicionários bilíngües, particularmente nesses de espanhol-português, tendo em vista a semelhança entre línguas espanhola e portuguesa na questão das diferenças de gênero existentes, que não é o caso deste vocábulo, mas de muitos outros heterogênicos, como *água*, *mar* e *árvore*, por exemplo. Outra característica desta obra que chama a atenção é a quantidade de exemplos, colocações e expressões fixas existentes, estando separadas as expressões e colocações pelo sinal gráfico “◆”. Porém, várias vezes é dada uma explicação junto com um equivalente, sem distinção (“membro terminal do corpo”, “planta pequena”, “medida inglesa”, “medida poética”).

2.2.1.5.2 Larousse

Já o dicionário Larousse novamente comprova que possui a microestrutura menos desenvolvida dentre as três obras, pois apresenta apenas cinco acepções, separadas por ponto-e-vírgula e não numeradas, dificultando o entendimento dos diferentes

significados. A obra traz também algumas expressões e suas traduções, mas fazem falta novamente os exemplos e as colocações para a produção. Um aspecto diferenciado desta obra é trazer abreviaturas de gênero (masculino e feminino) também nas traduções.

Quanto às acepções, chama atenção a tradução do Larousse de *pie* como *(apoio) pedestal*, ao invés de *base*, como nas outras obras, pois parece um tanto estranho (talvez não muito usual para estar em meio a poucas traduções). Outra também incomum é: *(montanha) sopé*. O que se ressalta, nesses casos, são as escolhas diferenciadas da equipe de compilação dentre tantas acepções mais comuns, já que aparecem em número tão limitado.

2.2.1.5.3 Michaelis

O Michaelis apresenta sete acepções, inclusive uma do sentido figurado (nº 6 – *parte oposta à cabeceira*), que é conveniente por ser uma possível tradução a ser procurada e que não consta nas demais obras. O que se salienta também neste verbete é a quantidade de expressões, devidamente separadas e ordenadas alfabeticamente com suas respectivas traduções de forma organizada. Parece uma escolha acertada dividir apenas por vírgulas as traduções das expressões que têm mais de um significado, pois isso parece facilitar a busca e também o entendimento, da mesma forma como faz o *Ática* quando usa numerais.

Outra característica que merece atenção é o fato de haver poucos ou raros exemplos no Michaelis. As explicações ao final do verbete parecem ser importantíssimas, principalmente acerca do uso no caso dos falsos cognatos, por exemplo, mas somente isso parece não bastar para tirar todas as possíveis dúvidas do consulente. Exemplos são importantes no caso de entender em que contexto é mais apropriado usar uma ou outra palavra e quais palavras acompanha adequadamente cada termo (colocações).

2.2.1.5.4 Saraiva

O Minidicionário Saraiva apresenta seis acepções numeradas e claramente separadas, algumas expressões e colocações com suas traduções. Novamente, assim como no dicionário Larousse, fazem falta os exemplos. Sua microestrutura é um pouco maior que a do Larousse, porém é considerada pequena em relação ao Ática, como já observado em entradas anteriores.

2.2.2 Português / espanhol

A seguir, apresentam-se cinco palavras em português: *acontecer*, *acordar*, *continuar*, *gente* e *marcar*. Elas foram escolhidas a partir de dificuldades, observadas por mim como docente, em estudantes brasileiros de língua espanhola quanto à produção. Normalmente os alunos não sabem quando, nem como usar adequadamente tais lexemas, e, quando os buscam nos dicionários, parecem não ter todas as dúvidas esclarecidas.

Em *acontecer*, se indica se as obras informam quando usar *ocurrir* e *pasar* nas traduções. Em *acordar* veremos a apresentação das diferenças entre *despertar* e *acordar* (acordo, negociação). Já em *continuar*, serão observadas as traduções *continuar* e *seguir*. Em *gente*, as diferenças entre *a gente* e *la gente*. E, finalmente, em *marcar*, se existe a indicação e explicação de *marcar um encontro*. Para uma melhor compreensão, seguem as tabelas representativas dos verbetes, comparadas por cada lema em comum nas diferentes obras.

2.2.2.1 Acontecer

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<i>acontecer</i> v.i.	<i>acontecer</i> v	a.con.te.cer [akôtes' er] vi 1 suceder,	a.con.te.cer vi

Suceder, ocurrir, acaecer, pasar . <i>Que aconteceu?</i> <i>Que pasó?</i>	<i>impess</i> acontecer.	acaecer. 2 acontecer. 3 avenir. 4 pasar, ocurrir, tener lugar. 5 devenir. 6 sobrevenir. aconteça o que acontecer pase lo que pase. acontecer algo inesperadamente echarse encima una cosa.	Suceder; ocurrir; pasar; acontecer.
--	--------------------------	--	-------------------------------------

Tabela 6 – Presença do verbete *acontecer* nas obras analisadas.

2.2.2.1.1 Ática

O Ática apresenta quatro traduções, provavelmente consideradas sinônimas, pois não as separa em acepções. Curiosamente, não acrescenta a tradução *acontecer* - diferente dos outros dicionários - que parece ser um termo menos identificado na linguagem coloquial. Também inclui um exemplo com *pasó*, porém, não explica como ou quando usar um ou outro lexema citado no verbete.

2.2.2.1.2 Larousse

O Larousse tem seu verbete visivelmente resumido, pois traz apenas uma acepção, não apresentando o lexema *pasar*, o qual parece ser uma tradução bastante frequente para este verbete. Também não apresenta exemplos, expressões ou colocações.

2.2.2.1.3 Michaelis

Além da separação silábica e transcrição fonética, características mantidas em todos os verbetes nas duas línguas (espanhol e português), o Michaelis apresenta cinco acepções, com mais de uma tradução na maioria, e duas expressões. Dentre as obras analisadas, é, portanto, a microestrutura mais desenvolvida.

2.2.2.1.4 Saraiva

O Saraiva também mantém a separação silábica e a marcação da sílaba tônica, mas não a transcrição fonética. Da mesma forma que o Ática, o Saraiva apresenta uma acepção com alguns equivalentes, e a microestrutura é pobre, uma vez que também faltam os exemplos, expressões e explicações, até em forma de rubricas, por exemplo.

2.2.2.2 Acordar

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
acordar <i>v.t. e v.i.</i> 1. Despertar(se). <i>Acordei cedo.</i> Me desperté temprano. 2. Amanecer. <i>Acordou com fome.</i> Amaneció con hambre. ■ <i>v.t.</i> 3. Establecer, acordar.	acordar <i>vt</i> combinar. <input type="checkbox"/> acordarse <i>vpr</i> : acordarse (de) lembrar-se (de). Não confundir com o português acordar , que tem um significado similar ao espanhol despertar : (<i>los generales acordaron la paz.</i> Os generais fizeram um acordo de paz; <i>El se acordó de que tenía una cita alas cuatro de la tarde.</i> Ele lembrou-se de que tinha um encontro às quatro da tarde.)	a.cor.dar [akord'ar] <i>vt+vi</i> 1 despertar 2 concordar, avenir, conciliar, entrar en acuerdo. 3 <i>Dir</i> estipular. Veja nota em acordar (espanhol).	a.cor.dar <i>vt/vi</i> 1. Despertar. 2. Amanecer. <i>vp</i> 3. Acordar; establecer; fijar.

Tabela 7 – Presença do verbete *acordar* nas obras analisadas.

2.2.2.2.1 Ática

O Ática apresenta três acepções e dois exemplos bastante usuais, mas não explica a acepção número três: *establecer*, *acordar*, onde os usuários provavelmente têm maiores dúvidas. Exemplos provavelmente ajudam no esclarecimento.

2.2.2.2.2 Larousse

No caso do Larousse, o usuário que busque o significado de *acordar* pode ficar um pouco confuso, pois a obra apresenta uma acepção: *combinar*, que parece ser menos freqüente que *despertar* e não deveria estar como única acepção neste verbete.

Logo, apresenta-se com uma marca gráfica o verbo *acordarse* e a sua tradução para o português *lembrar-se*. Até nesse ponto o usuário fica se perguntando como ele pode dizer *acordar* no sentido de *despertar do sono*. Tal resposta só aparece com a nota existente após o verbete (que possivelmente não seja lida pela maioria dos usuários).

A maneira de dispor as informações apresentadas pelo dicionário parece não ajudar o usuário na compreensão do lexema buscado e, além do mais, a informação que deve estar dentro do verbete, na primeira, ou numa das primeiras acepções, é apresentada numa nota no final do verbete. Tal sistemática de organização deixa informações importantes a critério da escolha do usuário em ler (ou não) informações que, por não estarem no final do verbete, dão a idéia de que podem ser importantes ou nem tanto, diferentemente daquelas que estão junto com cada acepção.

A solução mais adequada seria, como nas outras obras, apresentar *despertar* (comumente a mais procurada para *acordar*) como primeira acepção; no final do verbete haveria informações paradigmáticas, como no caso do verbete analisado aqui.

Há que se destacar ainda nesta obra uma informação que não está incluída nas demais: o significado de *acordarse* em espanhol: *lembrar-se*. Esta pode ser uma informação relevante para a produção, porém, novamente a maneira como está disposta não parece facilitar o entendimento. Talvez esta seja uma informação que pode estar fora do verbete, em forma de nota, pois é adicional, trata-se de uma informação sobre um falso cognato.

2.2.2.2.3 Michaelis

O Michaelis traz três acepções, incluindo uma do Direito. É a obra que mais apresenta traduções (cinco ao todo), porém não contém exemplos, fundamentais para a produção. A inclusão da remissão interna para *acordar* em espanhol auxilia no

entendimento das diferenças desta palavra em ambas as línguas, pois a nota existente em *acordar* explica com clareza o significado (sentido) das palavras.

2.2.2.2.4 Saraiva

O Saraiva apresenta as mesmas acepções que o Ática, inclusive na mesma ordem, contudo também não apresenta exemplos que possam facilitar o entendimento sobre como usar cada acepção, ou até mesmo informações, notas remissivas internas como no Michaelis, tipo de contribuição para a produção.

2.2.2.3 Continuar

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
Continuar <i>v.t.</i> 1. Continuar, seguir. ■ <i>v.i.</i> 2. Continuar, durar.	continuar <i>vt & vi</i> continuar. Continuar a fazer algo continuar haciendo algo; continuar com algo continuar con algo.	con.ti.nu.ar [kõtinu'ar] <i>vt+vi</i> 1 continuar, permanecer, perseverar, proseguir, seguir. 2 reanudar.	con.ti.nu.ar <i>vt</i> 1. Continuar; seguir; proseguir. <i>vi</i> 2. Continuar; durar. 3. Extenderse; prorrogar.

Tabela 8 – Presença do verbete *continuar* nas obras analisadas.

2.2.2.3.1 Ática

O dicionário Ática, diferentemente da parte espanhol-português, tem sua microestrutura visivelmente restringida a poucas acepções e raros exemplos nesta parte português-espanhol. No caso de *continuar* não é diferente. Duas acepções e nenhum exemplo diferenciando quando é mais apropriado o uso de *continuar* ou *seguir*.

2.2.2.3.2 Larousse

O Larousse novamente apresenta somente uma única acepção: *continuar*. *Seguir*, comumente usado, não aparece, limitando a abrangência de *continuar*, e não permitindo ao usuário tomar conhecimento de uma forma usual.

2.2.2.3.3 Michaelis / Saraiva

O Michaelis e o Saraiva trazem mais significados. O verbo *seguir* aparece, porém também não apresentam exemplos ou explicações. Parece que, de uma forma geral, nenhuma das obras se ocupa da produção, já que não dão informações precisas para atividades de fala e escrita, apenas listam traduções e raramente contêm exemplos.

2.2.2.4 Gente

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<p>gente <i>s.f.</i> Gente. ♦ A gente. Uno, nosotros.</p>	<p>gente <i>f</i> (<i>peçoas</i>) <i>gente f</i>; <i>fam</i> (<i>família</i>) <i>gente f</i>; a gente (<i>nós</i>) nosotros(<i>tras</i>); ser gente ser alguien; toda a gente toda la gente; ser gente boa ou fina <i>fam</i> ser buena gente.</p> <p>a gente: Não confundir o uso de la gente em espanhol com o de 'a gente' em português. Quando se usa em espanhol la gente, isto não inclui a pessoa que está falando: (la gente se equivoca mucho pero yo nunca hago. As <i>peçoas</i> se enganam muito, mas eu nunca me engano.)</p> <p>(Ver Os pronomes na seção <i>Gramática espanhola</i>.)</p>	<p>gen.te [3'eti] <i>sf</i> gente. a gente uno, nosotros. gente boa gente de bien. gente humilde plebe. gente rica gente bien. muita gente <i>fam</i> ciento y la madre.</p>	<p>gen.te <i>sf</i> 1. Gente; pluralidad de personas. 2. Gente; pueblo; nación. A casa da ~ Nuestra casa. A ~ Nosotros. Da nossa ~ De nuestra familia o parientes. ~ baixa La plebe; el populacho. ~ de bem Gente de bien; honrada. Ser ~ Ser alguien; ser persona distinguida. Tem ~ batendo à porta Lllaman a la puerta. Toda a ~ Toda la gente. Tornar-se ~ Adquirir importancia.</p>

Tabela 9 – Presença do verbete *gente* nas obras analisadas.

2.2.2.4.1 Ática

O Ática novamente tem uma microestrutura muito reduzida. Ao contrário da parte em espanhol, ela é, em geral, a menor dentre as quatro analisadas. A expressão *a gente* aparece, mas não são explicadas as diferenças entre *a gente* e *la gente*, fundamental para a produção.

2.2.2.4.2 Larousse

O Larousse traz um verbete mais apropriado para produção, já que inclui expressões e ainda acrescenta a nota sobre as diferenças de uso entre *a gente* e *la gente*.

Fica claro para o usuário ao ler a nota explicativa quando usar um e outro. Porém, faltam algumas colocações e expressões que se encontram no Michaelis e no Saraiva.

2.2.2.4.3 Michaelis / Saraiva

O Michaelis também apresenta várias expressões, mas menos que o Saraiva. Faz falta uma explicação em ambos sobre *la gente*, embora o Saraiva descreva em sua primeira acepção: *Gente, pluralidad de personas*, que provavelmente seja usado como *la gente*, porém o usuário não pode adivinhar como é a forma mais apropriada para usar *gente*, pois está sem artigo definido. Ou ainda, “pluralidad de personas” não é um equivalente e sim uma explicação (glosa), e além do mais, o usuário não é informado sobre a escolha entre “gente”, “pueblo” e “nação”.

2.2.2.5 Marcar

ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
marcar v.t. 1. Marcar. 2. Fijar (<i>preço, data</i>). ♦ Marcar encontro . Citarse. Marcar hora . Convenir/Fijar un horario, pedir turno.	marcar vt (<i>consulta, lugar hora</i>) concertar; ESPORTE marcar <i>Esp & Méx</i> , hacer <i>RP</i> ; marcar encontro com alguém quedar de encontrarse con alguien; marcar uma consulta pedir hora para uma consulta; marcar uma hora pedir hora.	mar.car [mar'kar] vt marcar, fijar, deslindar, estampillar, señalar, estigmatizar. marcar com ferro marcar passo <i>Mil</i> marcar el paso.	Mar.car vt 1. Marcar. 2. Fijar (<i>data; hora; preço</i>). ~ encontro Citarse. ~ hora Fijar/Convenir un horario; pedir turno.

Tabela 10 – Presença do verbete *marcar* nas obras analisadas.

2.2.2.5.1 Ática

No verbete *marcar*, o Ática apresenta duas acepções e duas colocações, porém, fazem falta novamente os exemplos e alguma explicação ou remissão que deixe

mais claro como pode ser usado *citarse*, por exemplo, ou *convenir, fijar, pedir turno*. Na segunda acepção, há dois elementos diferenciadores.

2.2.2.5.2 Larousse

O Larousse, assim como Ática e Saraiva, usam rubricas para explicar cada acepção. Esta parece ser uma característica relevante nas obras, pois assim o usuário entende a que contexto a palavra pertence e, portanto, em quais situações deve usá-la. O Larousse também apresenta o sentido de *marcar* no esporte, que provavelmente seja: *marcar ponto* ou *marcar o adversário*, embora não traga exemplos. Quanto à questão de *marcar* com o intuito de *marcar um encontro*, é a única obra que apresenta uma outra maneira além de *citarse*, mesmo assim, não fica muito bem explicado. O usuário provavelmente não saberia como dizer ao seu interlocutor que gostaria de marcar um encontro com ele, ou com outra pessoa, apenas com o exemplo do dicionário: *quedarse de encontrarse con alguien*. O ideal é que existam exemplos ou até mesmo que as formas flexionadas estejam disponíveis.

2.2.2.5.3 Michaelis

O Michaelis é o dicionário que apresenta mais traduções para *marcar*, porém não inclui a colocação *marcar um encontro*. Ao contrário, apresenta outras pouco convencionais, as quais o usuário provavelmente busque muito menos, como *marcar com ferro* e *marcar passo* (Militar). A listagem de traduções sem nenhum exemplo deixa muito vago o verbete, e impróprio para a produção. O usuário pode achar que está correto dizer: *me gustaría estigmatizar un encuentro*, para convidar alguém para um encontro, por exemplo.

2.2.2.5.4 Saraiva

Da mesma forma, no Saraiva, também faltam exemplos. Porém, as rubricas colaboram para o entendimento do contexto de uso da acepção dois, e as colocações com traduções ajudam o usuário a decidir qual tradução escolher. E, por mais que tenha somente duas acepções, e não traga exemplos, parece estar muito mais claro quando usá-las se comparado com o Michaelis e o Larousse.

A seguir, tem-se a tabela com um pequeno resumo dos dados obtidos, detalhados neste subcapítulo. Iniciaremos pela parte espanhol/português, e, por conseguinte, temos a tabela e as observações sobre português-espanhol. Os campos preenchidos com a cor cinza indicam a presença das características pesquisadas. Eventualmente, são adicionadas observações no próprio campo, da tabela, pois assim pode-se conhecer algumas particularidades, e principalmente fazer a comparação adequada das obras em questão.

Espanhol / português	Transcrição fonética	Indicação da sílaba tônica	Separação silábica	Informações paradigmáticas	Rubricas
ÁTICA	--	somente nos lemas heterotônicos		--	
LAROUSSE	--	--	--		antes da acepção
MICHAELIS		--			
SARAIVA				fora do verbete, no rodapé	

Quadro 3 – características da microestrutura espanhol-português I

Espanhol / português	Remissão (interna ou externa)	Presença de tabelas	Marcas de uso	Categoria gramatical	Tradução de exemplo*
ÁTICA	internas	--			
LAROUSSE	--	--			
MICHAELIS	internas	--			
SARAIVA	interna e externa	conjugação verbal			

Quadro 4 – características da microestrutura espanhol-português II

* Incluindo expressão e colocação, ou as duas.

Ática

Com base na análise desses itens, pode-se constatar que a microestrutura do dicionário Ática é consideravelmente maior (mais desenvolvida) em relação às outras obras. Isso pode significar, em termos práticos, que esta obra esmiúça em geral, os verbetes tanto quanto é possível para um dicionário escolar. Viu-se isso em quatro dos cinco exemplos analisados. Há várias acepções com exemplos, expressões e respectivas traduções. Obviamente, é um dicionário de recepção, mas muitas vezes pode ser usado na produção em língua estrangeira; contudo, no caso dos verbos faltam informações sintáticas. Por exemplo, não se pode traduzir “Ela chegou inesperadamente” por “cayó” (conforme acepção 8 de *caer*).

Larousse

O Larousse é a obra mais incompleta. Sua macroestrutura é constatadamente grande para um dicionário escolar, porém a microestrutura é a menos desenvolvida das quatro analisadas. Outros aspectos que deixam a desejar são a ausência de indicação de falso cognato (FC), e a maneira de organizar as acepções. Esta confunde o usuário na busca pelo significado ideal, sobretudo para alunos iniciantes, pois apenas separa as acepções com ponto-e-vírgula, sem usar marcas gráficas ou numeração.

Outra questão não muito clara é a separação entre as expressões e suas traduções, sendo que somente com as primeiras em negrito, sem um sinal de pontuação separando-as devidamente. É perceptível a diferença entre as expressões na língua-alvo (seja qual for, em espanhol ou português) e suas traduções. No entanto, a disposição fica embaralhada e com isso o usuário pode se confundir ou perder tempo até entender como estão dispostas as acepções. Ademais, fazem falta, além da marca da sílaba tônica, a

transcrição fonética do lema, as explicações e exemplos que são fundamentais para um dicionário que se destina também à produção como mencionado na introdução do mesmo. Por outro lado, um aspecto interessante é o uso de rubricas - itens lexicais entre parênteses - antes da acepção, as quais explicam melhor o significado e o uso do verbete.

Michaelis

O Michaelis tem uma macroestrutura de 28. 000 verbetes, porém a microestrutura é pouco desenvolvida, pois apresenta poucas acepções para a maioria dos verbetes, poucos exemplos e apenas algumas expressões. Por outro lado, inclui a transcrição fonética e a separação silábica em ambas as partes (espanhol e português), embora não marque a sílaba tônica em nenhuma.

Outro ponto que chama a atenção é a presença de remissão interna de um verbete para outro, inclusive de uma parte para outra (português para espanhol e vice-versa), que parece ser um bom meio para explicar e explicitar diferenças importantes nas línguas em questão. As marcas nas páginas e a palavra-verbete na cor azul facilitam a busca, assim como a numeração das acepções e as expressões em negrito.

Saraiva

Já o dicionário Saraiva parece se preocupar um pouco mais com um outro aspecto da produção, sendo a única das quatro obras analisadas a apresentar a marcação da sílaba tônica em ambas as entradas (português e espanhol) e a transcrição fonética juntamente com o Saraiva na parte da língua espanhola. No entanto, contém raríssimos exemplos e poucas explicações. A quantidade de acepções não é muito grande se comparada com o Ática. Por menor que seja sua microestrutura, na maioria das vezes, traz locuções, expressões ou colocações, um ponto positivo na busca em satisfazer o

usuário que queira produzir em língua estrangeira. Ainda assim, faltam muitas informações para que se possam usar os lexemas espanhóis adequadamente.

A seguir temos os quadros elucidativos das características das entradas português-espanhol, que seguem os mesmos padrões dos quadros espanhol-português apresentados anteriormente.

Português / espanhol	Transcrição fonética	Sílaba tônica	Separação silábica	Informações paradigmáticas	Rubricas
ÁTICA	--	--	--	--	
LAROUSSE	--	--	--	--	Antes da aceção
MICHAELIS					
SARAIVA	--			--	

Quadro 5 – características da microestrutura português-espanhol I

Português / espanhol	Remissão (interna ou externa)	Presença de tabelas	Marcas de uso	Categoria gramatical	Tradução de exemplo*
ÁTICA	--	--			
LAROUSSE	--	--			
MICHAELIS	--	--			
SARAIVA	--	--			

Quadro 6 – Características da microestrutura português-espanhol II

*Incluindo expressão e colocação ou as duas.

Na parte dos verbetes em português, a situação de todos os quatro dicionários é indiscutivelmente diferente, e é menos completa que a parte dos verbetes em espanhol. Tal realidade demonstra que, de uma forma geral, as obras analisadas se preocupam mais com a compreensão do que com a produção, em língua espanhola já que os verbetes são reduzidos, isto é, com poucas aceções, expressões, exemplos e informações pragmáticas.

Além das informações apresentadas, pode acrescentado o fato de que pelo menos metade das obras não indica a sílaba tônica e a transcrição fonética na parte do espanhol. Na parte do português também quase não existem remissões, tabelas ou

qualquer outra forma explicativa além de rubricas (que são raras a não ser no Larousse). Com isso é possível constatar que a produção não é o objetivo principal dessas obras.

2.3 DISTINÇÃO DE LEXEMAS SEMANTACAMENTE PRÓXIMOS

Esta terceira seção objetiva mostrar os recursos que os dicionários utilizam para diferenciar palavras que podem confundir o leitor pelo sentido parecido. Para tanto, foram escolhidas as palavras espanholas *conseguir*, *poder* e *lograr*; foi observado como cada dicionário descreve os respectivos lexemas e se seus significados são diferenciados por diferentes traduções, explicações, exemplos e outros recursos possíveis, a fim de esclarecer o seu emprego. Segue abaixo as tabelas com os verbetes de cada obra:

2.3.1 Ática

PODER	CONSEGUIR	LOGRAR
<p>Po.der <i>s.m.</i> 1. Poder, capacidade, possibilidade. 2. Poder, vigor, potência, força. 3. Poder autoridade, influência, domínio. 4. <i>For:</i> Procuração, autorização para agir em nome de outro. <i>Le dejó un poder al abogado.</i> Deixou uma procuração ao advogado. 5. Poder, governo, mandato político. <i>Está en el poder hace dos años.</i> Está no poder há dois anos. 6. Poder, posse. <i>Los documentos están en mi poder.</i> Os documentos estão em meu poder. ● <i>v.t.</i> 7. Poder, conseguir, ter capacidade ou possibilidade. <i>Puedo hacerlo sin ayuda de nadie.</i> Posso fazê-lo sem a ajuda de ninguém. 8. Poder, dominar, ter mais força. <i>Él podía con el adversario.</i> Ele tinha mais força do que o adversário. ■ <i>v.t. e v.impess.</i> 9. Poder, ser provável, ser possível. <i>Puede ser que llueva.</i> Pode ser que chova. <i>Puede que venga mañana.</i> Poder ser que venha amanhã. ■ <i>v.aux.</i> 10. Poder, ser permitido. <i>Puedes viajar.</i> Pode viajar. 11. Poder, ser possível. <i>Podemos llamar o escribir.</i> Podemos telefonar ou escrever. ■ <i>C.mod 29.</i> ◆ Poder absoluto. Poder aquisitivo. Poder Ejecutivo/Legislativo. Poder Executivo/Legislativo. Poder Judicial/público. Poder Judiciário/público. Poder para pleitos/juicios/judicial. <i>For.</i> Procuração <i>ad judicium.</i> A más no poder. Até não poder mais/Até dizer chega. Caer/Estar bajo el poder de. Estar sob o poder de. No poder com. Não agüentar, não suportar. <i>No puedo con las mentiras.</i> Não suporte as mentiras. No poder más. Não dar mais, estar esgotado. Por poder. <i>For.</i> Por procuração. ¿Se puede? Com licença! Posso entrar?</p>	<p>con.se.guir <i>v.t.</i> Conseguir, arranjar, arrumar.</p>	<p>lo.grar <i>v.t.</i> Conseguir, atingir, lograr. <i>No logré terminar el trabajo.</i> Não consegui terminar o trabalho. ■ Não tem sentido de “enganar”. ◆ Lograr éxito. Fazer sucesso.</p>

Tabela 11 – Presença dos verbetes *poder, conseguir e lograr* no Ática.

2.3.2 Larousse

PODER	CONSEGUIR	LOGRAR
<p>poder 1 <i>m</i> poder <i>m</i>; tiene poder para convencer a los demás tem poder para convencer aos outros; poder adquisitivo poder aquisitivo; estar/hacerse com el poder estar no/conquistar poder; estar en poder de alguien estar em poder de alguém. 2 <i>v aux</i> (a) poder; puedo levantar esta piedra posso levantar essa pedra; ¿se puede fumar aqui? Pode-se fumar aqui?; no puedo salir por la noche não posso sair à noite; no podemos abandonarlo não podemos abandoná-lo; puedo ir en barco o en avión posso ir de navio ou de avião; podías haber cogido el tren você podia Ter tomado o trem; podría ser más discreto você poderia ser mais discreto; hubiera podido invitarnos! Devia ter nos convidado!</p> <p>(b) (<i>em locuções</i>): a ou hasta más no poder ao máximo; no poder más (estar zangado) não agüentar mais; (estar cansado) não poder mais; ¿se puede? Posso?</p> <p>3 <i>v impess</i> poder; puede ser que llueva pode ser que chova; no puede ser verdad não pode ser verdade; ¿vendrás mañana? – puede você virá amanhã? – pode ser.</p> <p>4 <i>vt (ser mais forte)</i> poder com; no hay quien me pueda comigo ninguém pode.</p> <p>Poder con <i>v + prep</i> (doença, rival) poder com; (tarefa, problema) conseguir; (suportar) poder.</p>	<p>Conseguir <i>vt</i> conseguir</p>	<p>Lograr <i>vt</i> conseguir, lograr.</p>

Tabela 12 – Presença dos verbetes *poder*, *conseguir* e *lograr* no Larousse.

2.3.3 Michaelis

PODER	CONSEGUIR	LOGRAR
po.der [pod'er] <i>sm</i> 1 poder, potência. 2 governo. 3 mando. 4 força. ● <i>vt</i> poder. a más no poder a mais não poder. estar en poder de estar em poder de. no poder menos de ter de. Poder adquisitivo poder aquisitivo.	con.se.guir [konseg'ir] <i>vt</i> conseguir, obter, alcançar, adquirir.	lo.grar [logr'ar] <i>vt</i> 1 lograr, obter, conseguir. 2 alcançar. 3 desfrutar, aproveitar. <i>Vpr</i> 4 aperfeiçoar-se. Lograr significa obter conseguir, como em português, mas não inclui o sentido de “enganar”.

Tabela 13 – Presença dos verbetes *poder*, *consegui* e *lograr* no Michaelis.

2.3.4 Saraiva

PODER	CONSEGUIR	LOGRAR
po.der [poder] <i>sm</i> 1. Poder. 2. Posse. 3. Força. 4. Capacidade. 5. Autoridade. 6. Governo. ● <i>vt</i> 7. Poder; ter capacidade; força ou possibilidade. <i>Vi/vimp</i> 8. Poder; ser possível; permitido ou provável. A más no ~ Até não poder mais. Estar bajo el ~ Estar sob el poder de. Hasta más no ~ Até não poder mais. No ~ con Não agüentar. No ~ más Não dar mais. No ~ ver a alguien ni pintado Não poder ver nem pintado de ouro. ~ Ejecutivo Poder Executivo. ~ Judicial Poder Judiciário. ~ Legislativo Poder Legislativo. <i>Verbo irregular.</i>	con.se.guir [conseguir] <i>vt</i> 1. Conseguir; obter. 2. Arranjar. <i>Conjug. como pedir</i> – 3ª <i>conjug.</i>	lo.grar [lograr] <i>vt</i> Lograr; conseguir.

Tabela 14 – Presença dos verbetes *poder*, *conseguir* e *lograr* no Saraiva.

No caso da produção, a escolha entre *conseguir*, *poder* e *lograr* fica um pouco difícil. Lamentavelmente, em *lograr*, as únicas obras que avisam que este lexema não tem o mesmo sentido de *enganar*, como no português, são o Ática e o Michaelis. É bem verdade que *lograr* também possui outra conotação na língua portuguesa (cf. O dicionário Aurélio: “1. Gozar, fruir, desfrutar. 2. Conseguir, obter. (...) 4. Produzir o resultado que se esperava”) que se aproximam do significado do espanhol, porém esse

sentido, na grande maioria das vezes, está restrito a usos formais. Assim, um estudante de nível escolar provavelmente não tenha este conhecimento e deve ser alertado. Um ponto positivo nessa entrada do dicionário *Ática* é a expressão *lograr êxito*, comumente usada.

Já na entrada *poder* somente no dicionário Saraiva consta ser esse um verbo irregular (embora o dado esteja no final do verbete). Essa informação talvez seja necessária para a produção. Outro conteúdo importante nesse caso é a do modo impessoal, intransitivo, constante em todas as obras, inclusive com exemplos.

Percebe-se que o dicionário *Ática* contém mais acepções, exemplificando algumas, enquanto o Larousse traz vários exemplos e poucas explicações. O Michaelis apresenta poucas acepções, nenhum exemplo e algumas expressões. O Saraiva parece estar no meio termo, embora sua microestrutura seja pequena para uma palavra com tantas possibilidades.

No Larousse, ainda em *poder*, na acepção n.º 4, o sublema está confuso e por isso não ajuda o consulente a aprender sobre o uso, pois faltam informações, mesmo contendo exemplos; dá-se uma *fórmula* e não se acrescentam explicações. Em *lograr* não há uma diferenciação do falso cognato, restando ao consulente imaginar que tem o sentido mais usado do português, o que certamente é uma falta.

Voltando ao caso da informação sobre os lexemas pesquisados, constata-se que as obras deixam pouco claro quando se deve usar uma e outra, sendo passível de erro mais para a produção do que para a compreensão. No caso de *poder*, fica relativamente mais fácil, pois existem vários exemplos, porém em *lograr* e *conseguir*, justamente onde se tem mais dúvidas, os dicionários deixam a desejar por não trazerem argumentos que possam auxiliar o usuário tanto na produção quanto na compreensão, como exemplos, explicações e expressões.

O Michaelis não consegue demonstrar quando deve ser usada cada palavra, por não apresentar exemplos e explicações a respeito do uso do verbete. Novamente evidencia-se que o dicionário se preocupa mais com a compreensão do que com a produção (ao contrário do que é afirmado em sua introdução), por não trazer elementos diferenciadores, que acrescentem informações preciosas sobre o uso adequado dos verbetes. No caso de *lograr* e *conseguir*, a dificuldade é ainda maior uma vez que as acepções são semelhantes, contendo até alguns sinônimos e assim permitindo dúvidas aos consulentes.

Em *lograr*, ainda no Michaelis, é muito útil a inclusão da informação paradigmática referindo-se às diferenças do espanhol e português como a obra faz. Por outro lado, não é um ponto relevante para as demais obras, pois o Saraiva, assim como o Larousse não citam essa diferença e o Ática apresenta uma observação localizada no meio do verbete, ao invés de estar no início ou bem sinalizada, já que é uma informação relevante.

No caso de *conseguir*, é interessante a observação do dicionário Saraiva: *conjug. como pedir – 3ª conjug.*, pois informa ao usuário o modelo da 3ª conjugação, importante para a produção, porém seria bom que houvesse uma seção nesta obra (como as existentes nas outras duas) na qual constasse, pelo menos, a conjugação dos principais verbos (regulares e irregulares) para que o usuário possa ver a conjugação modelo de *pedir*, e tomá-la como exemplo no caso de não querer somente a forma canônica de *conseguir*.

O que existe, na verdade, é um modelo de conjugação dos verbos regulares na seção *Compêndio Gramatical*, porém o verbo que está conjugado como modelo é *vivir*, em vez de *pedir*. As regras para conjugação são as mesmas, porém por que fazer remissão a um verbo que não é conjugado junto com os verbetes em lugar de remeter aos

verbos conjugados como exemplo? A melhor alternativa nesse caso provavelmente é fazer referência ao verbo *vivir* e citar onde se encontra essa conjugação dentro da obra através de uma remissão interna.

2.4 ARGENTINISMOS

Nesta última seção, foram escolhidos termos argentinos do *Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas* (que será referido como DVEA) a fim de verificar como estão sendo tratados os hispano-americanismos. As palavras escolhidas foram *afanar*, *china*, *durazno*, *ratear* e *tirar*.

Dentre as palavras analisadas, estão alguns vocábulos do lunfardo⁸, linguagem que se alimentou, entre outros, da língua portuguesa mas, sobretudo, usou de palavras comuns na própria Argentina, dando a elas outros significados e articulando outros mecanismos para criar um novo sistema que somente os marginalizados da sociedade argentina pudessem entender (Grünwald: 1994).

Muitos desses sentidos perduram até hoje naquele país e alguns no português falado no Brasil, sobretudo no Sul, nas regiões fronteiriças, motivo pelo qual seria importante que os dicionários incluíssem nos verbetes tais sentidos, comumente usados.

⁸Segundo Grünwald (1994): subsistema lingüístico gerado nos arredores de Buenos Aires pela classe então excluída da sociedade, os estrangeiros, os pobres, os fugitivos da prisão, incluindo malandros e meretrizes.

2.4.1 Afanar

D. V. E. A.	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
En luna., robar.	(registro não consta)	(registro não consta)	a.fa.nar [afan'ar] <i>vt</i> 1 trabalhar com excesso. 2 trabalhar em atividades braçais. 3 <i>CS fam</i> furtar. <i>Vpr</i> 4 fatigar-se.	a.fã.nar. [afanar] <i>vt</i> 1. <i>Fam</i> Roubar. <i>vp</i> ~ se 2. Trabalhar com afinco. <i>Los profesores se afanan en enseñar a sus alumnos.</i> Os professores se esforçam para ensinar os seus alunos.

Tabela 15 – Presença do verbete *afanar* no *Diccionario de Voces y Expresiones Argentina* e nas obras analisadas.

Afanar, que significa *roubar* no vocabulário lunfardo, não consta no *Ática* e no *Larousse*. Já o *Saraiva* apresenta essa acepção como primeira e a caracteriza como *familiar (Fam)*. Fica a dúvida sobre marcas de uso (abreviaturas), de qual seria a diferença entre familiar e coloquial (*Col*) nesse caso. De qualquer maneira, é marcante a contribuição deste dicionário por apresentar uma palavra do lunfardo.

O *Michaelis* apresenta a transcrição fonética, indicação de verbo transitivo e quatro acepções. Entre elas destacam-se a primeira, mais conhecida, e a terceira que, segundo o dicionário, é usual no Cone Sul e faz parte da linguagem familiar: *furtar*. Dentre as quatro obras analisadas, somente essa e o *Saraiva* apresentam o sentido lunfardo.

Outro ponto a ser ressaltado é que essa obra (como as outras) não apresenta explicação das marcas de uso. Para um estudante leigo, é possível o entendimento de *fam* para uma linguagem usada somente no contexto familiar, deixando à parte todos os outros nos quais se tem uma linguagem coloquial. Fica a mesma dúvida apresentada no dicionário *Ática*, acerca da diferença entre coloquial e familiar nesse verbete.

2.4.2 China

D. V. E. A	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<p>CHINA. Nombre que se dá genéricamente a la mujer en nuestra campaña. En el antiguo Perú “chinas” eran las doncellas que cuidaban el fuego sagrado en los templos del Sol, y de esto proviene que los conquistadores españoles llamasen chinas a las indias vírgenes del Perú, extendiéndose el uso de este vocablo después hasta las mestizas. El gaucho tomó del español el llamar china a su mujer amada. Tiene sentido afectivo. Contrariamente en otras clases sociales o simplemente ciudadanas, la voz china se sigue empleando para designar igualmente a la mujer, pero con sentido despectivo, sobretodo si su piel es morena y procede de regiones campesinas. (<i>A un lao están los caciques, / capitanejos y el trompa / tocando com toda pompa /</i></p>	<p>chi.na <i>s.f.</i> 1. Pedra pequena e arredondada; seixo. 2. Jogo de palitinhos. 3. <i>Fig.</i> Dificuldade, obstáculo. 4. <i>Col.</i> Dinheiro. 5. Porcelana fina. 6. Objetos de porcelana. 7. Seda.</p>	<p>china <i>f</i> (pedra) seixo m; tocar la china ter azar.</p>	<p>chi.na [tʃina] <i>sf</i> 1 pedra pequena, seixo. 2 porcelana, seda. 3 jogo de palitinhos. 4 <i>AL</i> moça. tocarle uno a la china ter azar.</p>	<p>chi.na [tʃina] <i>sf</i> 1. Seixo, pequena pedra arredondada. 2. Objeto de porcelana. 3. Seda. Tocarle a uno la ~ Ficar com a pior parte.</p>

como un toque de fajina; / adentro muere la china, / sin que aquel círculo rompa. M. F.).

Tabela 16 – Presença do verbete *china* no *Diccionario de Voces y Expresiones Argentina* e nas obras analisadas.

No caso de *china* (além do significado *seixo*), é comum também encontrar no Sul do Brasil esta palavra tanto no sentido afetivo quanto depreciativo (conforme DVEA). Possivelmente nos outros estados esse uso seja pouco ou não corrente. Mesmo assim, é um termo freqüente na Argentina e em boa parte do Sul do País e, por isso, talvez mereça mais atenção, como veremos a seguir.

Os quatro dicionários bilingües trazem traduções como *seixo – pequena pedra arredondada* em sua primeira acepção, provavelmente por ser a mais importante ou mais freqüente. O Ática apresenta ainda outras acepções que parecem ser pouco comuns, como a 2, 3 e 4 e não traz exemplos e expressões como de costume. O Larousse apresenta apenas uma acepção e uma expressão fixa. O Saraiva traz significados que parecem ser mais correntes, além de uma expressão fixa. Ambos informam que a palavra é um substantivo feminino, e o Larousse acrescenta o gênero também na tradução. É no mínimo surpreendente perceber que nenhum destes três dicionários menciona qualquer uma das conotações usadas na palavra *china* (DVEA), tendo em vista o caráter coloquial.

O Michaelis é o único que, além de apresentar os mesmos significados dos outros dicionários, acrescenta o argentinismo *moça*. E através das marcas de uso frisa: América Latina, e traz uma expressão. Contudo faz falta a explicação sobre a diferença entre os dois sentidos (o afetivo e o depreciativo), pois, nesse caso, a tradução está somente para a compreensão, já que o aluno precisa de mais informações para produzir.

Em suma, até aqui a microestrutura pode ser considerada pobre em explicações e exemplificações e deficiente de termos usados em outros países e termos de

linguagem coloquial, também necessários em dicionários bilíngües, mas que geralmente recebem pouca ou nenhuma atenção.

2.4.3 Durazno

D. V. E. A.	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
DURAZNO. En l.v. ■, calificativo que se da a las personas de entendimento lento. También Durañona.	du.raz.no <i>s.m.</i> <i>bot.</i> Pêssego. ■ <i>Sin.: melocotón.</i>	durazno <i>m Amér</i> pêssego <i>m.</i>	Du.raz.no [dur'aOno] <i>sm</i> pêssego. Durazno é o sinônimo de “pêssego” usual na América Latina e, em especial, no Cone Sul. Na Espanha, é mais comum melocotón.	du.raz.no [duraOno] <i>sm Bot</i> Pêssego. <i>Sin melocotón.</i>

Tabela 17 – Presença do verbete *durazno* no *Diccionario de Voces y Expresiones Argentina* e nas obras analisadas.

O mesmo descaso com os termos argentinos na entrada *china* acontece com *durazno* que, no sentido figurado ou metafórico, é usado na Argentina para aludir a pessoas que têm mais dificuldade ou levam mais tempo para aprender ou entender as coisas. Consta-se que nenhum dos quatro dicionários analisados menciona esse argentinismo.

No caso das informações paradigmáticas, os dicionários Ática e Saraiva trazem um acréscimo considerado positivo, tanto para a produção quanto para a compreensão: o sinônimo, já que *melocotón* também é conhecido como *pêssego*, embora não seja corrente na América. Entretanto, questiona-se se a marca de uso botânica (*bot* – Ática e *Bot* – Saraiva) é mesmo necessária nesse caso, pois *pêssego* é conhecido como fruta e não parece acrescentar nenhuma informação ao verbete, pelo menos para brasileiros, mesmo que aprendizes iniciantes de espanhol.

O Michaelis traz também somente uma acepção: a do sinônimo masculino *pêssego*, e com isso não faz menção ao argentinismo. Por outro lado, traz um acréscimo com a explicação sobre os sinônimos no espanhol em diferentes países, como *melocotón* usado na Espanha. Essa informação paradigmática é significativa, pois, além de fazer parte do verbete, chama a atenção para questões importantes como heterossemânticos ou até as diferenças entre o espanhol no mundo, como nesse caso.

2.4.4 Ratear

D. V. E. A.	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
RATEAR. En L.v. faltar a una tarea o compromiso sin aviso. Se puede <i>ratear</i> un chico de la escuela, un empleado de la oficina o un invitado a una fiesta. (- ¿Estuviste en el Liceo Militar? – Por no contrariar a nadie. Yo me había mandado el año más feliz de mi vida en el Otto Krause; digo más feliz porque me “ratié” todo el año, con un primo. Nos íbamos a pescar. Ulises Dumont, por Mona Molcalvillo, Humor no. 98, enero, 1983.)	ra.te.ar v.t. 1. Repartir, dividir proporcionalmente, <i>ratear</i> . 2. Furtar, robar. ■ v.i. 3. Rastejar, engatinhar. 4. Col. Falhar, <i>ratear</i> . <i>El carburador está sucio y el motor ratea.</i> O carburador está sujo e o motor está falhando.	(registro não consta)	ra.te.ar [rate'ar] vt 1 furtar, surrupiar, sutilmente coisas pequenas. 2 <i>ratear</i> , dividir proporcionalmente. vt 3 rastejar.	ra.te.ar [ratear] vt 1. Ratear. 2. Furtar. vt 3. Rastejar. 4. Fam Falhar.

Tabela 18 – Presença do verbete *ratear* no Dicionario de Voces y Expresiones Argentina e nas obras analisadas.

No caso de *ratear*, na linguagem popular da Argentina, o sentido é *faltar a um compromisso*, e com isso fazer o que é indevido. Nota-se que no dicionário Ática os significados são muito parecidos com os do português (cf. O Minidicionário Aurélio *dividir parcialmente, falhar - motor*). Ainda na linguagem coloquial, pode-se constatar o sentido de *falhar, equivocar-se, faltar*. Na última acepção, têm-se *falhar*, mas o exemplo

refere-se a falhas no motor de um veículo. O usuário não fica sabendo que a falha pode ser transferida para outros campos de entendimento, como é o caso de *ratear* (cf. DVEA).

O Larousse nem apresenta essa acepção, deixando a desejar, tanto para a consulta de alunos que queiram compreender, quanto produzir. O Michaelis, por sua vez, não apresenta o sentido buscado nesta pesquisa; apenas traz acepções que também estão nos dicionários Ática e Saraiva, com diferenças na disposição das informações. Talvez isso seja um indicativo de divergências quanto à frequência de uso de cada acepção; contudo, como nenhuma obra explica quais foram os critérios estabelecidos para compor a hierarquia das informações, fica a incógnita se esta é somente uma maneira diferente de dispor as informações no verbete ou se tem base em estudos de frequência de uso.

A situação do Saraiva é quase igual à do Ática, com a diferença de que ele não dá nenhum exemplo, ou colocação. Embora não se mencione a falha no motor, dificilmente o usuário vai pensar que o “falhar” tem o sentido de faltar a um compromisso.

2.4.5 Tirar

D. V. E. A.	ÁTICA	LAROUSSE	MICHAELIS	SARAIVA
<p>TIRAR. En. L.v., perseguir, molestar, etc. también prolongar una situación y además tener preferencia por alguna cosa.</p> <p>IR TIRANDO. En l.p. sobrevivir com sacrificio; tanto puede ser en el sentido económico como en lo referente a la salud y aún el lo espiritual. Cuando alguien inquiera cómo nos va, es frecuente que la resposta sea: ‘y... tirando.’ <i>Claro que la picardía porteña especialmente le hace un agregado: ‘¿O querés que te cuente?’ como dando a entender que la situación es más grave de lo que pudiera pensarse.</i></p>	<p>☞ ti.rar v.t. 1. Jogar fora, jogar no lixo. <i>Tiraron todas sus cosas viejas.</i> Jogaram fora todas as suas coisas velhas. 2. Jogar, atirar, chutar. 3. Jogar, deixar cair, derrubar. <i>Tiró el papel al piso.</i> Jogou o papel no chão. 4. Dissipar, jogar fora, desperdiçar. 5. Derrubar, demolir. 6. Esticar. <i>Vamos a tirar el alambre hasta el techo.</i> Vamos esticar o fio até o teto. 7. Traçar (linhas). 8. Dar. <i>Tirar un mordisco/un pellizco.</i> Dar uma mordida, um beliscão. 9. Tip. Imprimir, editar, tirar. 10. Disparar, atirar, balear. <i>Le tiró dos veces.</i> ■ v.i. 11. Puxar, arrastar. <i>El niño le tira de la mano.</i> O menino puxa-o pela mão. 12. Puxar (o ar), chupar, sugar. 13. Puxar, andar, funcionar. <i>El coche tira de maravilla.</i> O carro está puxando que é uma maravilha. 14. Tirar, sacar, pegar. 15. Fig.</p>	<p>tirar 1 vt (lançar, disparar) atirar; (jogar, virar) derrubar; (despejar) derramar; (descartar) jogar fora; (malgastar) desperdiçar.</p> <p>2 vi (chamar a atenção) atrair; (desviar-se) virar; <i>fam</i> (permanecer) durar; (em jogos) jogar.</p> <p>3 ir tirando <i>fam</i> ir levando.</p> <p>Tirar a v + <i>prep</i> (ter semelhança, parecer com) puxar a.</p> <p>Tirar de v + <i>prep</i> (porta, puxador) puxar.</p> <p>Tirarse <i>vpr</i> (lançar-se, jogar-se) atirar-se; (gastar tempo) passar.</p>	<p>ti.rar [tir'ar] vt 1 atirar, arremessar, jogar, lançar. 2 derrubar. 3 puxar, arrastar. 4 riscar, traçar linhas. 5 procurar. 6 parecer, assemelhar-se. 7 pender. 8 girar. 9 empregar. vi 10 atirar, disparar (arma de fogo). 11 atirar-se, jogar-se. 12 <i>fig</i> esbanjar, desperdiçar. a todo tirar quando muito, no máximo. Veja nota em jugar.</p>	<p>ti.rar [tirar] vt 1. Atirar, jogar. 2. Derrubar. 3. Desperdiçar. 4. Jogar fora. 5. Disparar. 6. Esticar. 7. Traçar (linhas). 8. <i>Trip</i> Imprimir. Vi 9. Puxar; arrastar. 10. Repuxar. 11. Funcionar. 12. Chupar (o ar). 13. <i>Fig</i> Prender. 14. <i>Fig</i> Tender. <i>Vp</i> ~se 15. Atirar-se; jogar-se. 16. Descansar. 17. <i>Vul</i> Fornicar. A todo ~ No limite.</p>

Tender, propender.
El color de su vestido tira a verde. A cor do seu vestido tende ao verde. **16. Fig.** Aspirar, pretender, ter vocação. *Tira a ser médico.* Pretende ser médico. **17.** Puxar, apertar, repuxar. *El vestido tira de la manga.* O vestido repuxa na manga. **18.** Jogar (baralho, jogos). ■ **tirarse v.p. 1.** Jogar-se, lançar-se, atirar-se. **2.** Deitar-se, descansar. *Voy a tirarme un rato.* Vou descansar um pouco. **3.** Velar, passar. *Se tiró la tarde estudiando.* Passou a tarde estudando. **4.** *Vulg.* Fornicar. ◆ **Tira!** Vai!/Depressa! **Tirando a.** parecendo com, tendendo a. **Ir tirando.** Ir levando.

Tabela 19 – Presença do verbete *tirar* no Diccionario de Voces y Expresiones Argentina e nas obras analisadas.

No caso de *tirar*, nenhuma das obras inclui sequer um dos sentidos apresentados no D. V. E. A. , a não ser pela expressão *ir tirando*. As três obras apresentam acepções muito parecidas entre si neste verbete, no entanto, o *Ática* desenvolve sua microestrutura acrescentando mais exemplos, o que provavelmente ajuda o aprendiz na escolha da tradução adequada. Algo que chama a atenção é a inclusão do

sentido vulgar nesta obra e também no *Ática*, característica pouco comum na maioria dos dicionários bilíngües analisados.

A expressão *ir tirando*, bastante usual, surpreendentemente não consta nos dicionários Michaelis e Saraiva. Nos demais, a expressão aparece, porém seria conveniente que se apresentasse explicação e exemplificação para que fosse mais bem entendida.

Outro ponto que chama atenção no *Ática* é a indicação de falso cognato para este verbete, pois *tirar*, na língua espanhola, pode ter o mesmo sentido de *tirar* em português (embora não seja comumente usado). Assim como *lograr* no sentido de *alcançar* da língua portuguesa. Então, segundo a lógica de organização e classificação do dicionário, *lograr* também deve ser um falso cognato ou nenhum dos dois verbetes pode ser classificado como tal.

O Larousse parece confundir as acepções quando coloca parênteses antes da tradução, além de não explicar ou exemplificar. Novamente os conceitos se embaralham, e fica complicado entender, fora de um contexto de uso. Talvez, para a compreensão, possa até ser útil. Porém, no caso da produção, se torna difícil escolher o termo adequado entre tantas informações não muito bem separadas.

O Michaelis traz uma remissão para o verbete *jugar* que explica o termo e faz referência às diferenças entre *jugar* e *tirar*, parecendo ser bastante pertinentes, pois, além de esclarecer melhor o significado de *tirar*, ajuda a diminuir as dúvidas sobre o significado do verbete.

Enfim, percebe-se que com exceção do *Ática*, que traz vários significados e exemplos, os outros dicionários desenvolvem muito pouco sua microestrutura em geral, independente da língua do lema, embora na parte português-espanhol todos os dicionários tenham seus verbetes reduzidos. Após todas as características dos dicionários detalhadas

em todo o capítulo, seguem as *Considerações Finais*, nas quais são ressaltados os principais pontos desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção serão abordadas as principais características de cada obra de uma maneira comparativa a fim de verificar os saldos desta pesquisa. Iniciando pela estrutura dos dicionários, foi possível perceber que alguns usam dispositivos que contribuem para facilitar o uso, como as marcas gráficas nas páginas usadas pelos dicionários Larousse, Michaelis e Saraiva, e os lemas coloridos usados pelos dicionários Michaelis e Saraiva o que também agiliza a busca.

No item *Apresentação*, na qual se espera uma nota explicativa de como o dicionário está organizado e qual a melhor maneira de utilizá-lo, algumas obras trazem mais informações do que outras. O dicionário Ática, por exemplo, apresenta o número de verbetes, público-alvo, critério de seleção de verbetes, e explica a seqüência de verbetes espanhol-português e vice-versa. Nessas explicações, inclui os sinais gráficos que se encontram tanto na micro quanto na macroestrutura.

O Larousse contém uma introdução na qual esclarece o seu público-alvo, informa o número de verbetes e quais as outras seções presentes na obra. Na verdade, essa introdução parece estar mais relacionada a uma auto-propaganda do dicionário do que uma nota introdutória. Na seção *Como usar este dicionário*, que vem após a *Introdução*, há uma explicação sobre como encontrar a palavra desejada e informações, bastante resumidas, acerca da estrutura dos verbetes.

O Michaelis também traz informações sobre o público-alvo no prefácio, o número de verbetes e as seções contidas na obra, além de como se dá a estrutura do verbete. Uma informação que não aparece nas outras obras é a identificação dos profissionais que participaram na compilação da obra: dicionaristas, professores de

espanhol e português, foneticistas e revisores, entre outros. No item *Organização do dicionário* é explicada a ordem alfabética espanhola, embora a obra apresente a “ordem universal” (segundo o próprio dicionário). Também se detalha a entrada e todos os seus componentes com a respectiva organização do verbete, e nessa parte se faz ainda menção do apêndice, localização na obra e seu conteúdo.

O Saraiva, diferentemente de todos os outros dicionários, não apresenta *Introdução*. Apenas traz a *Estrutura do dicionário*, na qual se toma um verbete como exemplo da estrutura dos demais, e são incluídas informações de forma esquemática. Não há, portanto, qualquer tipo de informação sobre número de verbetes, público-alvo, estrutura do dicionário e informações adicionais, pois esses itens são listados rapidamente na contracapa, e sem mais explicações no decorrer da obra.

Embora o Larousse provavelmente tenha a maior macroestrutura (isso porque não se sabe exatamente o número de verbetes do Saraiva), essa não está muito bem organizada, já que os verbetes, às vezes, apresentam uma maneira de dispor as informações não muito clara, conforme já mencionado no capítulo *Análise dos dicionários*. Por outro lado, as obras que têm menos verbetes apresentam-nos mais detalhadamente, com maior número de acepções, exemplos, colocações e informações adicionais. Ressalta-se o uso constante de rubricas do Larousse (não percebido com tanta frequência nos outros dicionários) o que obviamente, ajuda o consulente na escolha das acepções.

Sob a ótica da microestrutura, o dicionário *Ática* é o mais desenvolvido dentre as obras analisadas, visto que oferece o maior número de acepções, traduções, exemplos, expressões e colocações. No entanto, é necessário destacar características pertinentes das outras obras, como separação silábica e marcação da sílaba tônica do

Saraiva em todos os lemas nas entradas das duas línguas e também a transcrição fonética em todas as entradas do Michaelis.

Quanto à organização e conteúdo da macro e microestrutura especificamente, que norteiam os propósitos lexicográficos de produção e compreensão, observa-se que, no Michaelis e no Larousse, os verbetes estão compostos da mesma maneira. O Larousse, por sua vez, parece ter a microestrutura desenvolvida de maneira igual tanto na entrada em espanhol, quanto em português, provavelmente um pouco mais desenvolvida na segunda, com as rubricas, expressões, colocações e exemplos e suas traduções. O Saraiva não apresenta transcrição fonética na entrada em português e sua microestrutura é bem menos desenvolvida, com poucas expressões, exemplos, rubricas e colocações.

O dicionário Ática apresenta a microestrutura da entrada em português menor do que a em espanhol, e, ainda assim, é a mais desenvolvida dentre as quatro obras analisadas, pois traz mais acepções, exemplos, expressões e colocações, além de marcas de uso, que agilizam a busca. O Michaelis tem a microestrutura mais reduzida na parte em português dentre todas as obras, limitando-se a apresentar poucas traduções para a maioria dos verbetes, pois exemplos, rubricas e informações paradigmáticas são raros, diferente da sua entrada em espanhol.

No caso dos *argentinismos*, os dicionários, em geral, deixam muito a desejar, pois a frequência com que aparecem as palavras com conotação argentina é muito baixa. Possivelmente isso ocorra com outros regionalismos, o que deve ser verificado numa pesquisa futura. Por enquanto, o que pode ser constatado é quase um *descaso* com termos frequentes e importantes como os procurados, o que inevitavelmente deixa uma margem de dúvida acerca do que as próprias obras afirmam apresentar. Todas admitem conter termos hispano-americanos em suas obras e, no caso da Argentina, pela proximidade dos países e a importância tanto política quanto histórica na América Latina, pode-se

presumir que termos usados naquele país devam aparecer até com mais frequência que outros, porém, infelizmente, não é o que ocorre.

Segundo as características detalhadas sobre a organização e o conteúdo das obras, conclui-se que, de uma forma geral, todas elas estão adequadas à compreensão da língua espanhola. Entretanto, não estão totalmente apropriadas para a produção, porque deixam a desejar nos aspectos de detalhamento dos verbetes, faltam exemplos nas partes de português, indicação de uso (a não ser pelas marcas de uso), possíveis explicações adicionais.

É sabido que os dicionários escolares bilíngües são sucintos e geralmente mais indicados para a compreensão. Mesmo assim não se pode descartar a hipótese de que os alunos queiram comunicar-se de alguma forma na L. E. , seja em aulas, ou por outra (no caso de haver possibilidade de *uso real* da língua no contato com estrangeiros, pela língua falada ou escrevendo um *e-mail*, etc.). Nesse caso, as obras podem e devem apresentar outras características que sejam cabíveis ao seu formato, como os exemplos (Ática), as rubricas (Larousse), a marcação da sílaba tônica em todas as entradas (Saraiva) e a separação silábica em todas as entradas (Michaelis e Saraiva). Quanto à organização, citam-se as introduções muito bem detalhadas (Ática e Saraiva) as seções gramaticais (Larousse Michaelis e Saraiva), os lemas coloridos (Michaelis e Saraiva), e os quadros com conjugação dos principais verbos no corpo do dicionário (Saraiva).

Se todos esses itens listados fossem reunidos em uma obra, teriam um efeito maior e mais apropriado para a produção. Quanto à compreensão, todos os dicionários estão mais ou menos de acordo com os itens necessários, como já discutido no capítulo *Análise dos dicionários*.

Outras análises que acrescentem os dados já obtidos nesta pesquisa podem ser realizadas na busca da ampliação dos estudos, como a observação e análises de outros

regionalismos (além dos *argentinismos*), e um estudo mais aprofundado acerca da atenção dada aos heterossemânticos. Também seria preciso investigar acerca dos tipos de exemplos mais freqüentes (colocação, expressões fixas ou associações livres) em cada classe de verbete, e a possível pertinência. A expansão da pesquisa pretende ser feita em estudos futuros, para coletar outros dados a respeito dessas obras e poder oferecer, informações adicionais que possam auxiliar o professor na decisão a respeito do dicionário mais acertado para seus alunos, conforme seu objetivo de ensino – produção e/ou compreensão.

BIBLIOGRAFIA

1. Dicionários

- COLUCCIO, F. 1994. *Diccionario de voces y expresiones argentinas*: Editorial Plus Ultra: Buenos Aires.
- FERNANDES, F. 1965. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. Revisado e ampliado por LUFT, C. P. (2002). São Paulo: GLOBO.
- FERREIRA, A. B. de H. 1993. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3 ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FLAVIAN, E. e FERNÁNDEZ, G. E. 2001. *Minidicionário espanhol – português – espanhol*. SP: Ática.
- MINIDICIONÁRIO LAROUSSE. 2002. *Espanhol - português – espanhol*. SP: Ática.
- MINIDICIONÁRIO SARAIVA. 2001. *Espanhol - português – espanhol*. 4 ed. SP: Saraiva.
- PEREIRA, H. B. C. 2002. *Michaelis: dicionário escolar espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo: Melhoramentos.

2. Bibliografia de Apoio

BÉJOINT H. 1981. *The foreign student's use of monolingual English dictionaries: a study of language needs and reference skills*. Applied Linguistics, Vol. II Nº 3, Autumn 1981, 207-222.

BÉJOINT, H. 2000. *Modern Lexicography: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

BERBER SARBINHA, T. 2004. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole.

CASARES, J. 1950. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: CSIC.

GRÜNEWALD, J. L. 1994. *Carlos Gardel, lunfardo e tango*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HARTMANN R. R. K. 1987. *Four perspectives on dictionary use: a critical review of research methods*. In Cowie, A. (Ed.) 1987. *The dictionary and the language learner. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds*. Tübingen: Niemeyer. 11-28.

HARTMANN, R. R. K. 2001. *Teaching and researching lexicography*. . England: Longman.

HEIDERMANN, W. (org) 2001. *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis, NUT: UFSC.

HUMBLÉ, P. 2001. *Dictionary and language learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herchen.

ISQUERDO, A. N. ; KRIEGER, M. G. (org) 2001. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume II. Campo Grande: UFMS.

- KENNY, D. 2001. *Equivalence*. In BAKER, M. Routledge Encyclopedia of Translation Studies: Routledge. London.
- LAUFER, B.; MELAMED, L. 1994. *Monolingual, bilingual and bilingualised' dictionaries: which are more effective, for what and for whom?* In: Martin, W. (ed), EURALEX, 94 Proceedings. Amsterdam: Free University, 565-576.
- LARA, L. F. 1990. *Dimensiones de la lexicografía. México*: El Colegio de México.
- LARA, L. F. 1992. *Estudios de lexicografía y metalexicografía del español actual*. In Sonderdruck aus Lexicographica. Series Maior, Band 47. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- LYONS, J. 1979. *Introdução à lingüística teórica*. (trad. de R. V. Mattos e H. Pimentel.) São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo. [Original: Introduction to theoretical linguistics. 1968. Cambridge: Cambridge University Press.] Press, Oxford.
- POTTER, L. 1998. *Setting a good example. What kind of examples best serve the users of learner's dictionaries*. In: EURALEX '98 Proceedings. Papers submitted to the eighth EURALEX International Congress on Lexicography in Liège, Belgium, 357-362. University of Liège: English and Dutch Departments.
- RUNDELL, M. 1999. *Dictionary use in production*. International Journal of Lexicography 12. 1: 35-53.
- SCHMITZ, J. R. 2001. *A problemática dos dicionários bilíngües*. In: Oliveira, A. M. P. P. de; Isquierdo, A. N. (org), 161-168.
- SINCLAIR J. M. 1991. *Corpus, Concordance, Collocation*: Oxford University
- STREHLER, R. 2001. *Marcas de uso nos dicionários*. In: Oliveira, A. M. P. P. de; Isquierdo, A. N. (org), 171-180.

SUMMERS, D. 1998. *The role of dictionaries in language learning*. In Carter, R. & McCarthy, M. (ed), *Vocabulary and Language Teaching*. London: Longman, 111-125.

WELKER, H. A. 2004. *Dicionários – Uma pequena introdução à lexicografia: Thesaurus*. Brasília.

XATARA, C. M. 2001. *Os dicionários bilíngües e o problema da tradução*. In: Oliveira, A. M. P. P. de; Isquierdo, A. N. (org), 181 – 187.

ZGUSTA, L. 1992. *History, languages and lexicographers*: Niemeyer. Tübingen.